

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
FUNDO MACKENZIE DE PESQUISA - MACKPESQUISA

Relatório Técnico Científico

Projeto:

PROMACK: História da imigração italiana para São Paulo por meio de documentos brasileiros e italianos

São Paulo
2015

SUMÁRIO

1- Resultados.....	
2- Objetivos alcançados.....	
3- Metodologia de pesquisa.....	
4- Produtos decorrentes.....	
5- Coordenação das atividades.....	
6- Artigos.....	
6.1 Vigná afazé a America? - A caricatura verbal de Juó Bananére e o imigrante italiano em São Paulo - Prof ^a Dr ^a Mirtes de Moraes.....	
6.2 Fascismo no Estado de São Paulo. Profa. Dra. Ines M. Minardi e Profa. Dra. Esmeralda Rizzo.....	
6.3 Imigração e violência: sociedades policiadas dos anos 20 e 30. Profa. Dra. Rosana...	
6.4 Continuidades do passado, presentes no futuro: ensaios sobre os imigrantes portugueses na cidade do Rio de Janeiro pela ótica do design gráfico de J. Carlos. Profa. Dra. Isabel Orestes Silveira.....	

RESULTADOS:

O Projeto objetivou viabilizar cooperação técnica entre o ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO e a UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, a fim de promoverem diálogos entre pesquisa acadêmica e sociedade.

Foram evidentes os benefícios resultantes da implementação da parceria: o Arquivo Público do Estado recebeu grupos de docentes e discentes pesquisadores interessados em organizar bancos de dados da instituição e aproveitar de seu importante acervo para suas pesquisas. O PROMACK pretende promover um conjunto de atividades acadêmicas relevantes para ambos os parceiros: oficinas de trabalho, publicações de resultados, exposições e simpósios, além de participações em congressos locais, nacionais, internacionais com especialistas nas diversas áreas abarcadas pelo projeto.

Abriu oportunidade ímpar para pesquisar/organizar a importante documentação cuja possibilidade de manuseio passou por diversas vicissitudes até que sua guarda foi delegada ao Arquivo Público do Estado de São Paulo. No Arquivo se encontra a documentação do ex - Departamento de Ordem Política e Social – DEOPS - e em suas dependências transcorreram as ações de pesquisa que o Centro de Comunicação e Letras da **Universidade Presbiteriana Mackenzie- CCL** propôs realizar..

O projeto teve por objetivo imediato gerar “situações de pesquisa” integradas ao conteúdo curricular da graduação. Essas “situações de pesquisa” foram programadas semestralmente pela coordenação do projeto, envolvendo *alunos* e *coordenadores* docentes. Também se promoveu a integração do CCL - que abriga cursos de graduação e pós graduação nas áreas de jornalismo, publicidade e propaganda e letras - com outras unidades universitárias da Universidade Presbiteriana Mackenzie de maneira a configurar uma situação de multidisciplinaridade que trouxe benefícios para os resultados da pesquisa.

Numa situação específica, entre as muitas que se desenvolveram, foram implementados estudos sobre a história da imprensa alternativa, biografias de jornalistas, identificação de gráficas clandestinas, análise das diferentes formas de expressão literária encontradas na documentação policial, assim como literatura sediciosa e de resistência ao autoritarismo. Os documentos trabalhados contaram com a participação de professores

especialistas nestas áreas, contribuindo assim para a recuperação de significativos fragmentos da história brasileira.

Foi pretensão também elaborar um sistemático e informatizado Banco de Imagens referente aos temas trabalhados, e ao mesmo tempo colaborar para a formação de um grupo discente de pesquisadores. No seu conjunto, os resultados dessas pesquisas se encaminham para alimentar, um Banco de Imagens e outro de Dados (*fontes escritas, iconográficas e orais*) que – tão logo estejam em condições - serão colocados à disposição do Arquivo Público de São Paulo, como parte de seu acervo para oferecer subsídios para outras pesquisas acadêmicas em nível de pós-graduação.

OBJETIVOS ALCANÇADOS:

Este projeto atendeu tanto às necessidades iminentes do *Arquivo do Estado* - de ter a totalidade de sua documentação sistematizada e colocada à disposição do público - quanto da Universidade Presbiteriana Mackenzie- Centro de Comunicação e Letras que, mediante as atividades programadas, possibilitou verdadeiro *laboratório*, adequado à formação de pesquisadores das mais diversificadas áreas do conhecimento (história, artes, letras, comunicação, sociologia, ciência política, direito, jornalismo, etc.).

O acervo DEOPS é constituído por séries documentais, cada uma das quais com suas especificidades e cujo conteúdo não é completamente conhecido, visto que as fichas de identificação contêm o mínimo de informação necessária (nome, data de abertura do prontuário, naturalidade, endereço e, às vezes, o tipo de delito cometido).

O PROMACK realizou *mapeamento* sistemático por meio da consulta de registros de séries de prontuários, procurando especificar em ficha apropriada o conteúdo dos documentos estudados (ofícios internos, relatórios anuais, relatórios diários de investigação, termos de declarações, etc). A documentação cadastrada forneceu uma verdadeira radiografia tanto do funcionamento interno/externo do órgão, quanto de aspectos mais amplos do cotidiano da sociedade brasileira entre 1924-1945.

Do ponto de vista de sua especificidade - como documentos produzidos pela polícia de São Paulo - esse cadastramento possibilitou, aos estudiosos, traçar um perfil dos vários

segmentos sociais perseguidos pelo regime republicano marcado por períodos interruptos de ditadura. E, considerando-se a riqueza do acervo iconográfico contido nos prontuários (desenhos, fotografias e gravuras impressas em folhetos) houve possibilidade não só de dar um “rosto” aos indiciados como de se explorar as relações simbólicas entre fotografia e *crime político*.

Cabe ressaltar que com base nos resultados obtidos, por outras pesquisas já divulgadas, tornou-se possível obter não apenas a versão oficial dos fatos registrados por este órgão policial como, também, identificar múltiplos testemunhos que colaboraram para a recuperação de pormenores específicos tanto da *vida privada* (cadernetas de anotações, agendas, álbuns fotográficos, livros e cartas pessoais) quanto da *história dos partidos políticos*, das *instituições públicas e comunitárias* (*posterões*, cartazes, livros de atas, panfletos, jornais, etc.). Desenvolveu-se entre discentes e docentes olhares atentos sobre história e sensibilidades, subjacente à aparente frieza da documentação policial.

Uma das atividades mais importantes do PROMACK refere-se aos *estudos acadêmicos*, ou seja, com base nos temas identificados pelo projeto tivemos condição de propor estudos destinados à elaboração de pesquisas de Iniciação Científica e TCCs.

Alguns dos temas pesquisados: *vida privada - mundo da política, fascismo no Brasil, comunismo, anarquismo, iconografia policial e jornalística, imprensa alternativa, intelectuais, censura, violência, história das mulheres na repressão do Estado Novo, imigração, identidade nacional, direitos humanos e de cidadania*.

O trabalho na “oficina de história” que o PROMACK propôs colocou o aluno em contato direto com os prontuários policiais, oferecendo-lhes subsídios para a formulação de outros projetos de pesquisa. Os alunos colaboraram com o cadastramento dos prontuários segundo tipologia das fontes para o Arquivo do Estado de São Paulo – saindo dos muros da universidade para contribuir para a sociedade. As fichas foram preenchidas sob orientação da coordenação e supervisionadas pelos docentes do projeto, formando um instrumento de pesquisa que possibilitou ao Arquivo Público do Estado aprofundar o conhecimento sobre seu acervo.

O conjunto da documentação foi colocado à disposição deste projeto, constituído por séries documentais, cada qual com suas especificidades. De acordo com levantamentos

elaborados pelo próprio Arquivo Público do Estado, a totalidade dos documentos relativos ao Fundo Deops podem ser identificados como:

- **Prontuários:** 150.000 pastas e 170.000 fichas remissivas;
- **Dossiês:** 6.000 pastas;
- **Ordem Social:** cerca de 2.500 pastas e 114.000 fichas cada série;
- **Ordem Política:** cerca de 2.500 pastas e 114.000 fichas cada série;

Deste rico manancial, o conjunto interessado pelo PROMACK se constitui dos documentos relativos aos italianos que remontam a aproximadamente:

- **Prontuários:** 12.000 pastas;
- **Dossiês:** 200 pastas;

Para uma completa visão da documentação deste PROMACK deve-se ainda somar todo o acervo proveniente das pesquisas realizadas no Archivio Centrale dello Stato, em Roma, que se compõe de aproximadamente mais 1.000 pastas de prontuários (em boa parte já copiadas fotograficamente).

METODOLOGIA DE PESQUISA:

Técnica de pesquisa

O Banco de Dados contemplou eixos temáticos específicos definidos pelo PROMACK abrangendo campos da área de conhecimento da história do Brasil contemporâneo, da história das idéias políticas, introdução à pesquisa histórica e comunicação:

- *cadastramento de jornais, boletins e panfletos:* tendo em vista a recuperação da propaganda política, estratégias de divulgação, comunidade de leitores e apreensão do material pela Polícia Política;
- *cadastramento de fontes fotográficas e pictóricas:* espécie de imagem [negativo, positivo, reprodução, estado de conservação (bom, regular, ruim e péssimo), cromia (preto e branco, colorido, sépia, amarronzada), dimensão (altura x largura, em cm), espaço (localidade onde a imagem foi produzida,

seja endereço, cidade, região, país, etc.), data de produção da imagem, autor (identificação do autor --fotógrafo/desenhista ou caricaturista, etc);

- *o perfil do indivíduo fichado*: nome, filiação, idade, nacionalidade, naturalidade, profissões, residência, cognomes, síntese do conteúdo;
- *a unidade documental*: uma relação de cada um dos documentos contidos no prontuário, segundo tipologia das fontes;
- *a descrição física do prontuário*: número de páginas e espécies documentais;
- *período de incidência*: datas balizas (ano do documento mais antigo e do mais recente), datas de incidência (ano inicial e final do período de maior incidência da documentação);
- *indicação remissiva*: indicação do conjunto documental, pasta ou documento onde o prontuário esteja citado, além do seu próprio.

O contato com o núcleo documental produzido pelo DEOPS suscitou reflexões teóricas para elaborar o *mapeamento* proposto à equipe de alunos-monitores. Estas questões fizeram parte de uma série de *atividades programadas* para o grupo durante as quais foram discutidos assuntos referentes à *metodologia da pesquisa em comunicação e histórica* e a *dinâmica do DEOPS*, enquanto instituição policial responsável pelo controle e vigilância da sociedade. Estes encontros/atividades tiveram como objetivo proporcionar à equipe um treinamento específico objetivando a elaboração de futuros projetos de pesquisa nos níveis de especialização e mestrado, assim como a produção de catálogos e manuais sobre o acervo.

Para esses encontros foram realizadas *leituras* específicas com o objetivo de formular questões inerentes ao órgão e aos distintos tempos históricos a que a documentação se refere. Basicamente, procurou-se traçar a trajetória do DEOPS enquanto “aparato do Estado”, recompondo sua própria dinâmica à partir da documentação analisada.

Em se tratando de um órgão de controle social levamos em conta os mecanismos de repressão acionados pelo Estado, com o objetivo de manter a ordem estabelecida. A prática sistemática da violência psicológica e física por parte da polícia permitiu-nos analisar os diferentes estigmas acionados com o objetivo de levantar suspeita, comprovar a culpa e

sustentar uma incriminação permanente contra os que foram eleitos como “inimigo do regime” durante o denominado Estado Novo.

O conteúdo da documentação produzida pelo DEOPS é suficientemente rico¹ para nos permitir conceituar o *sujeito político* a partir do estudo da lógica da desconfiança que, por sua vez, nos remeteu ao cotidiano da polícia, enquanto aparelho repressor do Estado naqueles tempos. Através das ordens de prisão, da convocação para depor, da invasão das residências, do isolamento imposto ao suspeito, do medo à tortura - apenas para citar alguns dos artifícios empregados - a polícia colaborou, em diferentes momentos, para o ordenamento e disciplina da sociedade nos moldes dos regimes autoritários².

As regras instituídas pelo poder policial são reveladoras não apenas do aparato utilizado pelo Estado, como também expressivas dos símbolos acionados com o objetivo de legitimar, ao nível do imaginário coletivo, a idéia de “grupos perigosos” ou de “inimigo objetivo”. Emprega-se aqui o conceito ditado por Hannah Arendt em seus estudos sobre regimes totalitários³.

A longa trajetória do DEOPS, documentada sob a forma de prontuários, dossiês, fichas remissivas, etc., possibilitou-nos repensar uma série de outras questões que, por sua vez, colocaram em cheque o ideal e a *práxis* do regime republicano, os direitos humanos, o conceito de cidadania, de crime comum e crime político, como parte de uma política que nos permite analisar os diferentes estigmas acionados com o objetivo de levantar suspeita, comprovar a culpa e sustentar uma incriminação permanente contra os que foram eleitos como “inimigos do regime”⁴.

Particularizando o conceito de prontuário tivemos condições de, a partir de situações específicas, recuperar as tramas, os medos, as mentiras, os recuos do indivíduo enquanto cidadão transformado em “suspeito” e, posteriormente, criminoso. Assim, através da

¹ Entre outros projetos de pesquisa anteriormente desenvolvidos junto à documentação do DEOPS, e dos quais colhemos informações para este PROMACK, cumpre citar o trabalho desenvolvido pelo PROIN – Projeto Integrado Arquivo do Estado / USP, Depto de História. A importância e a experiência daquele Proin tem servido de base para a montagem do presente projeto.

² Sobre a questão, ver Paulo Sérgio Pinheiro, *A estratégia da ilusão (a revolução mundial e o Brasil - 1922-1935)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1991; Michael Foucault, *Vigiar e Punir*, Rio de Janeiro, Vozes, 1988; Erving Goffman, *Manicômios, prisões e conventos*, São Paulo: Perspectiva, 1990.; Hannah Arendt, “Da violência” IN: *Crises da República*. São Paulo, Perspectiva, 1973.

³ Hannah Arendt, *Origens do Totalitarismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991

⁴ Marilena Chaui, *op. cit.*

retórica acionada pelo poder policial tivemos possibilidade de reconstruir, de um lado, o *universo da polícia* e, de outro, fragmentos do *universo dos excluídos*: imigrantes, homens e mulheres, fascistas, comunistas, etc.. Entretanto, somente através da análise sistematizada das fontes é que teremos condições de contrapor estes dois universos identificando os estigmas e recompondo as tensões sociais características de cada momento histórico. Para chegarmos a este ponto, entretanto, este projeto terá continuidade no ano de 2015.

As informações iconográficas da documentação suscitaram observações metodológicas. Ao consultarmos as séries *prontuários* e *dossiês*, nos deparamos, basicamente, com documentos de duas naturezas: *documentos escritos* (manuscritos, mimeografados e impressos) e *iconográficos*.

A equipe de pesquisadores organizada sob os auspícios deste projeto, atuou na implementação das seguintes tarefas:

- elaboração de fichas - remissivas, cadastrais, de iconografia, de jornais e de panfletos - específicas, segundo as temáticas indicadas pela coordenação do PROMACK;
- organização de Banco de Dados/Imagens seguindo a orientação da Sessão de Informática do Arquivo do Estado e de acordo com as temáticas indicadas;
- escaneamento das imagens selecionadas conforme o critério anterior e preenchimento das fichas iconográficas;
- elaboração de tabelas, índices, perfis dos cidadãos e instituições prontuariadas com base nas fichas preexistentes;
- organização de um banco de dados bibliográficos.

Produtos decorrentes:

A partir do desenvolvimento dos trabalhos de pesquisa e cadastramento da documentação, o PROMACK, sempre de comum acordo com a direção do Arquivo, e com a publicação de sua chancela, realizará no término dos trabalhos do PROMACK em 2015:

- elaboração de banco informatizado de dados e de imagens;
- publicação de uma coleção de livros contendo trabalhos agrupados por séries temáticas e cronológicas, de autoria dos docentes e alunos envolvidos no presente projeto;
- publicação de monografias, TCCs decorrentes das pesquisas em nível de graduação;
- publicação de coleções de documentos comentados;
- exposições iconográficas e textuais a partir do material selecionado pelos pesquisadores do Promack;
- organização de Simpósios (tanto nas dependências do Arquivo como do Mackenzie) para divulgação dos resultados e estabelecimento de diálogo com outros pesquisadores de temáticas análogas;

Coordenação das atividades

A fim de cuidar do desenvolvimento do plano de trabalho, foi estabelecida uma coordenadoria no Arquivo do Estado de São Paulo, constituída pelo Sr. Diretor do Arquivo e pelos representantes do CCL-Mackenzie, Prof. Dr. Alexandre Hecker e Profa. Dra. Rosana Schwartz. Os demais integrantes da equipe docente atuaram sistematicamente acompanhando os discentes em seus trabalhos de pesquisa, orientando-os e construindo em conjunto saberes e conhecimentos.

ARTIGOS:

- 1- Vigná afazé a America? - A caricatura verbal de Juó Bananére e o imigrante italiano em São Paulo - Prof^{ra} Dr^a Mirtes de Moraes.
- 2- Fascismo no Estado de São Paulo. Profa. Dra. Ines M. Minardi e Profa. Dra. Esmeralda Rizzo.
- 3- As décadas de 20 e 30: imigração e sociedade policiada. Profa. Dra. Rosana

- 4- Continuidades do passado, presentes no futuro: ensaios sobre os imigrantes portugueses na cidade do Rio de Janeiro pela ótica do design gráfico de J. Carlos. Profa. Dra. Isabel Orestes Silveira

**‘Vigná afazé a America’
A caricatura verbal de Juó Bananére e o imigrante italiano em São Paulo
Prof^a Dr^a Mirtes de Moraes**

A cidade de São Paulo como espaço de transformações

Até meados do século XIX a cidade de São Paulo era considerada como uma vila sem pouca importância econômica e política, conhecida como ‘burgo dos estudantes’ em que jovens da corte realizavam seus estudos na Faculdade de Direito no Largo São Francisco. (RIBEIRO, 1993)

Anos depois o historiador Nicolau Sevcenko aborda de forma metafórica a mudança fisionômica da cidade:

[...] essa cidade que brotou de súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para os seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-la como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados.(SEVCENKO,1992: p.31).

Essa citação do historiador ganha maior visibilidade quando se observa o número de crescimento exorbitante da população na cidade de São Paulo, sendo que em 1890 a cidade possuía aproximadamente 65 mil habitantes e dez anos depois, em 1900, a cidade ‘germina’ com seus 240 mil habitantes.

Segundo a historiografia que aborda os processos transformativos na cidade de São Paulo, vários fatores podem ser observados dentro de um campo de contribuição para essa expressiva transformação, o primeiro deles refere-se ao desenvolvimento do café como produto agro-exportador. Tendo como centralidade esse produto podem ser tecidas várias outras questões que estão atreladas a ele: pressão inglesa contra o tráfico

negreiro, imigração como forma de substituição do trabalho escravo, contribuindo ao mesmo tempo para o novo ideal de branqueamento da nação.

No final da década de noventa do século XIX, o café sofre a sua primeira grande crise de superprodução, fazendo com que muitos trabalhadores das fazendas migrassem para o centro da cidade trazendo como consequência sua expansão demográfica.

Outro fator que contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento urbano em São Paulo foram as estradas de ferro: *São Paulo – Railway*, que ligava Santos à Jundiaí e a *Estação do Norte* localizada no bairro do Brás, lá desembarcavam pessoas e mercadorias que vinham do Rio de Janeiro e do Vale do Paraíba.

O bairro do Brás se desenvolvia devido ao seu lugar estratégico pois além da estrada da ferro, o bairro ainda possuía a hospedaria dos imigrantes lugar de fluxo constante registrando um número significativo de migrações. Nos arredores do bairro existiam algumas fábricas, oficinas, casas populares e cortiços.

Observa-se que as moradias populares eram consideradas aos olhos das autoridades sanitárias como espaços impróprios, tendo em vista um grande número de pessoas que lá habitam e as várias doenças que acometiam essa população.

“O Brasil é um imenso hospital” A famosa frase do médico Miguel Pereira pode trazer questões para a reflexão sobre aspectos que envolvem a questão das doenças no Brasil no início do século XX. Sendo que várias epidemias como: febre amarela, cólera, febre tifóide, peste bubônica e endemias como a tuberculose assolaram as cidades brasileiras.

A valorização do discurso médico também se deve frente à frágil estrutura comparada a forte ação das doenças, nesse sentido, a medicina passa a assumir uma espécie de guia referencial para o Estado, prometendo a melhoria da saúde da população em defesa do projeto de modernização no Brasil.

Embalado no ideal republicano do lema ‘Ordem e Progresso’ as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo viraram palco de políticas intervencionistas, com a finalidade de desodorizar espaços insalubres e no mesmo movimento promover um ‘ar moderno’ às cidades. Para assumir tal empreendimento, os médicos eram apoiados pelo Estado

ressaltando desta forma, mais uma vez a articulação entre discurso médico e outros discursos oficiais⁵.

Entre os principais objetivos da corrente médica sanitaria centrava-se a prática da fiscalização em que as atividades se concentravam em vistoriar tanto os espaços públicos das ruas, como os espaços privados das casas e de seus moradores. Vale destacar que esse olhar repressor dos médicos, agentes e inspetores sanitários eram direcionados às camadas mais pobres da população, que acabaram sendo denominadas como ‘classes perigosas’. Lugares como os cortiços e bairros pobres da cidade eram os principais campos de ação desses médicos. (CHAULHOB, 1986)

Enquanto a população mais pobre se instalou nos lugares mais baixos próximos aos rios Tamanduateí e Tietê, onde o valor dos terrenos eram mais baixos em relação aos outros, a facilidade dos transportes através das vias férreas e a proximidade das fábricas localizadas nos bairros do Brás, Bexiga, Barra Funda e Mooca. A população mais endinheirada buscava espaços planejados para a construção de suas residências: Campos Elíseos, Higienópolis, Av. Paulista. Procuravam-se para a execução desses projetos alargamento e ruas arborizadas, construções com um alto pé direito, atrelando a função do arquiteto e do engenheiro com a do médico sanitaria. Assim o planejamento urbano dessa parte da cidade sugeria a facilidade de circulação de ar nesses bairros, o movimento dos carros, causando uma incipiente preocupação com o trânsito urbano, a higiene das casas que implicava um trajeto adequado para o lixo e conseqüentemente com a saúde do corpo. (MORAES, 2005).

Deste modo quando se opta pela proposta de enveredar sobre a questão da história urbana, observa-se que a cidade de São Paulo pode ser trabalhada por dois pólos, ou seja, de um lado se tem que esses processos de urbanização, industrialização e imigração refletiram de forma marcante a vida das pessoas com os processos

⁵Quando Rodrigues Alves (1848-1919) assumiu a Presidência da República em 1902, sua meta era o saneamento da capital federal. Naquele momento, o Brasil tinha como projeto político a sua modernização segundo os padrões europeus. As epidemias que atingiam o Rio de Janeiro, como a febre amarela, a varíola e a peste, eram vistas como indícios de atraso. Para mudar a situação, o presidente indicou para prefeito do Distrito Federal o engenheiro Francisco Pereira Passos (1836-1913), que comandou uma ampla reforma na cidade. O sanitaria Oswaldo Cruz (1872-1917) foi nomeado para a direção da DGSP (Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP)), e assumiu o cargo em março de 1903 com total responsabilidade sobre o combate às doenças epidêmicas na capital.

transformativos tecnológicos através da mecanização dos transportes, a instalação de uma rede comercial e financeira, vistos como formas de progresso na cidade que por sua vez, era traduzido em um tom moderno, de metrópole, de urbano.

E, por lado pode-se ter um olhar sobre a cidade focalizando que todo esse sistema de organização econômica gerou formas de exclusões, que por sua vez, acarretaram em grandes problemas sociais como falta de infra-estrutura, saneamento, educação e saúde.

Assim, pode-se perceber uma cidade que abarca suas diversas tensões marcadas pelo processo transformativo que reflete nos modos de vida do cotidiano dos trabalhadores imigrantes, nas suas diversidades de experiências vividas, nas estratégias de sobrevivência e sociabilidade.

Abaix'o o piques

Inserido nesse sentido transformativo que marca de modo significativo as expressões fisionômicas da cidade e os modos através dos quais a população tenta se adaptar a esse projeto atrelado as novas tecnologias urbanas surge a figura do cronista Juó Bananérie, em que busca captar os traços híbridos do moderno convivendo com a cidade provinciana.

Assinando como Juó Bananére, Alexandre Machado fez sua estreia no dia 14 de outubro de 1911 no número 10 do semanário *O Pirralho*, periódico literário, político e de humor. Misturando os códigos ortográficos do idioma português e italiano, quebrando a sintaxe de um deles, inventando palavras com semelhanças fonéticas ou ainda usando uma sobreposição caótica dos dois idiomas se colocava como a maneira dos barbeiros da praça do Bexiga, um dos redutos italianos daquela época, comentava fatos corriqueiros e políticos através da sátira. (FONSECA, 2001).

Eh! Mamma mia! Si non fosse os intaliano, che speranza! No tenia né uma casa chique come quella che fiz agora o Garonello inzima a rua Martigno Francesco.

També si non fosse os intaliano non teria né u larghe Du Arrusá, né o Bó Retiro, né as cumpania di operette do Vitale e né o Bertini Che també é u migliore ingraziato di tutto o mundo interinho.

També o “garadura” furo os intaliano che indiscobriro (garadura, bonde elétrico)

Eh! Ma che si pensa che Zan Baolo furo tutta vita como oggi? Stó moltos inganatus si signore!

Primiere, quano minho avó xigó que inzima o Brasile só tenia a ladere do Abaix’o Pignes, o larghe Du Arrusá e o barro da Liberdá.

A Villa Buarca, a Barafunda, o Bó retiro stavo tutto coperto c’ao mattavirgia [mata virgem]. Também a Luiz e também a Bixiga.

D’Abaix’o a ponte do viadutto era tutto gapino e tenia moltos passarigno che io Ivã tuttos di di magna cidigno matá co stilingo.

(Revista *O Pirralho*, 20/04/1912)⁶

Assim pode-se perceber que sua escrita estava pautada na tentativa de imitar a oralidade que ouvia dos italianos das ruas. Nota-se também como o cronista está registrando processos transformativos da cidade de São Paulo, dessa forma sua narrativa recorre ao tempo vivido, o tempo subjetivo da memória que entra em tensão com um novo tempo, o tempo das novas tecnologias, dos monumentos históricos, dos lugares da memória (NORA, 1993).

O bairro do Bexiga, um dos bairros populares da capital paulista tornou-se reduto da imigração italiana, o bairro sofreu um grande processo transformativo, o Largo dos Piques, em 1910, ficou popularmente conhecido como *Abaix’o o piques*

⁶ Eh! Nossa Senhora! Se não fossem os italianos, que esperança, não teria nenhuma casa chique como aquela que fez agora o coronel na rua...

Também se não fossem os italianos não teria nem o Largo do Arouche, nem o Bom Retiro, nem as companhias de ópera do Vitale e nem o Bertini que também é o melhor de todo o mundo. Também o bonde foram os italianos que descobriram. Mas quem pensa que São Paulo sempre foi tudo como é hoje? Estão tudo enganados, sim senhor! Primeiro quando minha vó chegou ao Brasil só tinha a ladeira do Piques, o largo do Arouche e o bairro da Liberdade.

A Vila Buarque, a Barra Funda, o Bom Retiro, estavam cobertos pela mata virgem. Também a Luz e também o Bexiga. Debaxo da ponte do viaduto era tudo capim e tinha muitos passarinhos que eu ia dar o que comer cedinho e matá-los com estilingue

Segundo a historiadora Cristina Fonseca, o Largo dos Piques também conhecido como Largo da Memória e o Largo do Bexiga originaram a atual Praça das Bandeiras e representam o ponto inicial da formação do bairro do Bexiga. No século XIX, o Largo do Piques integrava-se ao Parque do Anhangabaú, conhecido como córrego das Almas por causa do seu riacho que ainda não era canalizado. Existiam duas pontes na região: a primeira ficava no caminho de Pinheiros, atual Rua da Consolação, se chamava ponte dos Piques. A segunda era conhecida como ponte do Bexiga e se localizava no início da ladeira Santo Amaro. No Lago do Piques foi construído um chafariz que, em 1876 seria destruído e um Monumento que também não existe mais, hoje Obelisco da Memória, até o final do século XIX esse local servia como leilão de escravos e zona de prostituição. (FONSECA, 2001)

Assim, pode-se perceber através desse local um processo transformativo que estava ocorrendo na cidade, interessa perceber como seus moradores estavam se ajustando nesse deslocamento: o debaixo da ponte se altera para *abaix'o o piques* e se adapta em *abaix'o pigues*, linguagem caricata dos imigrantes italianos que ocuparam os bairros do Brás, Bexiga, Barra Funda e Bom Retiro na cidade de São Paulo. E foi deste modo, com esse correlato fônico que Juó Bananére escrevia no semanário *O Pirralho*. (ANTUNES, 1998).

Alexandre Ribeiro Marcondes Machado inventou a personagem Juó Bananére no semanário paulistano *O Pirralho*, que circulou de 1911 a 1917. A personagem começou a se corresponder com Annibale Scipione – uma criação de Oswald de Andrade, o fundador do semanário, mas a partir do número 11 passou a assinar sozinho a coluna *As Cartas d'Abax'o Piques*. (ANTUNES, 1998)

Assim como a cidade estava em processo transformativo, o semanário *O Pirralho* corresponde a essa transformação com um olhar atento ao período de transição, da velha para a nova ordem política brasileira, a passagem da república da espada – Hermes da Fonseca para a república civil dos senhores do café. Nas *Cartas d'Abax'o Piques*, Bananére insere sua narrativa com irreverência, incomodando diversas figuras proeminentes da política e do governo de sua época, como o prefeito

de São Paulo Washington Luis e o presidente da República, marechal Hermes da Fonseca. (BORGES, 2009)

Disposa, a bolidica é uma grande porcheria. S' imagine o signore che io éro ricco p'ra burro, tenia maise de cinques conto nu Bango Intaliano. Aóra, só pur causa di cavá o fijó p'ra mangiá, io tegno di afazé o barbiere io zanfoste inda a banda do Fieramosca. Porca miseria! Só una urna co fundo infarsificato che io mandê afazê pr'a inlençó do Capitó, mi gustó cinquantaquattro massoni i maise cento milarése che io apague p'ro garpintiére no cunta nada p'ra ninguê. Pro Ruge Ramo io apaguê cinquacento milarése pur causa di afazê o servizio di poliziamente dos vermiculo inda a porta da inlençó. Alé disso io cumprê roppa nuóva p'ros inlenttore, paguê o sciopp, o intomobile, ecc, ecc⁷

Nota-se que por meio da personagem, Juó Bananére, se utiliza do modo cômico para realizar uma crítica política que reflete numa situação precária do imigrante no início do século XX. É possível perceber como observa Sylvia Helena Telarolli que as “*cartas d'abaix'o pigues*” trazem de volta até nós o vozerio irrequieto que animava as ruas de São Paulo, do subúrbio ao centro, onde circulavam os imigrantes italianos e seus descendentes” (ANTUNES, 1998)

Deste modo, as cartas apontadas podem ser vista como um formato de caricatura verbal em que o autor se utiliza em forma de paródia relendo o processo transformativo na cidade através das diversas falas urbanas que surgia na urbe paulistana em função das fortes correntes imigratórias proporcionadas pela industrialização.

⁷ Depois a política é uma grande porcaria. Imagine o senhor : eu era rico pra burro. Tinha mais de cinco contos no Banco Italiano. Agora só para conseguir o feijão para comer eu tenho que ser barbeiro e sanfonista da banda Fieramosca, pouca miséria! Só uma urna que eu mandei fazer com fundo falso para as eleições do capitão me custou 54.. e mais cem mil réis que eu paguei pro carpinteiro não contar nada pra ninguém. Para o Rudge Ramos eu paguei 54 mil réis para fazer o serviço de policiamento dos veículos na porta da eleição. Além disso, eu comprei nova para os eleitores, paguei o chopp, o automóvel, etc, etc.

Deste modo, Alexandre Ribeiro Marcondes Machado ao criar Juó Bananére cria também uma nova estrutura linguística baseada na oralidade, utilizando-se de uma mistura de italiano e português recorrente nos bairros paulistanos de imigrantes, em que sua principal fonte de inspiração estava nas ruas da São Paulo. (ANTUNES, 1998)

Apesar de não ter ascendência italiana, Alexandre apaixonou-se pela cultura surgida nos bairros centrais operários que se expandiam na capital paulista, como Brás, Barra Funda, Bom Retiro, Belenzinho e Bexiga, após a grande onda imigratória que fez com que a população da cidade passasse de 130 mil habitantes em 1895 a 580 mil em 1920, muitos desses imigrantes italianos que aportava na capital buscavam oportunidades de trabalho, tornado assim a cidade de São Paulo o maior centro de imigração italiana do país.

Muitos desses italianos não conseguiam seu objetivo, amargando em subempregos uma sofrível condição social.

Istu affare da imagraçó stá proprio una porcheria. Ninguê si comprende. A gente sái da Italia dove tê u ré, a vamiglia, o Giolitti ecc.ecc e dove non tê né o Lacarato e né o Capitó i intó s'imbarga ingoppa o navillo pur causa di vigná afazé a America.

Aora, quando a genti tê xigado in Santose, inveiz faiz a peste bobóniga, a besçigga e verbe marella ecc.

Disposa a genti vê p'ra spettorìa da migraçó, dove a genti apanha una sóva tuttos dí di manhã cidinho pr'a si alivantá

Illos manda a genti lavá a gaza, dá mangiá p'ro gaxoro, butá acqua p'ras galligna ecc.

Quando illos te cavado imprego p'ra genti, a genti vá p'ra facenda garpiná o gaffé, garpina i quano vê o fĩ do meiz, buta uno puntapé p'ra genti i non apaga nada.

Ma che figlio da maia.

Io já vó aparlá p'ros minhos patrizio di nom vim pur aqui pur causa che qui non si faiz maise a America.

Io per insempro, fais quaranta quattros anno che stó alavorando, só barbiere, sanfoniste e gionaliste i non fiz inda a America (*O Pirralho*, 22/03/1913)⁸

Inventando palavras, misturando o idioma português com o italiano e embaralhando a oralidade dos trabalhadores da praça do Bexiga, Juó Bananére se apresentava como “barbiere, sanfoniste e gionaliste” para comentar sobre os fatos corriqueiros e políticos através da sátira.

É possível enveredar que ao se definir como três profissões tão distintas, Bananére traça um caminho impreciso localizando diversidades de experiências vividas e com elas as estratégias de sobrevivência e sociabilidade numa cidade que estava se transformando. Assim é possível observar pelas disparidades das funções descritas por Juó Bananére que havia uma proliferação de pequenas ocupações autônomas e trabalhos informais na cidade de São Paulo. (PINTO, 1994)

Sonoridades Urbanas

A denúncia pronunciada pela fala macarrônica de Juó Bananére pode também ser recuperada pelos relatos de memorialistas em que mostram através da oralidade situações diversas permitindo assim retomar o campo de profissionais e as inquietações do momento, trazendo para o presente discussões sobre a construção da memória dos trabalhadores imigrantes italianos na cidade de São Paulo entre o final do século XIX e começo do XX.

Em 1927, o escritor Antônio de Alcântara Machado retrata conversas centradas em acontecimentos miúdos da vida diária contadas no salão de barbearia de Nicolino e

⁸ Isto fere a imigração que está uma porcaria. Ninguém a compreende. Saímos da Itália com a família etc, etc e não deve ter nem “Lacarato” nem Capitão então embarca no navio por causa de vir fazer a América. Quando agente chega em Santos ... peste bubônica, a bexiga, a febre amarela etc, etc. Depois agente vai para a Inspeção dos Imigrantes que manda agente acordar cedinho para lavar a casa, dar comida para o cachorro, colocar água para as galinhas etc etc. Quando eles acham emprego pra gente, vamos para a fazenda capinar o café capinar e quando chega no final do mês dá um pontapé e não paga nada. Que filho da Mãe! Eu vou falar para os meus parentes não virem para cá, pois aqui não se faz mais a América. Eu por exemplo faz quatro anos que estou trabalhando como barbeiro, sanfonista e jornalista e ainda não fiz a América

do Sr. Salvador – “Ao Barbeiro Submarino. Barba: 300 réis. Cabelo: 600 réis. Serviço Garantido:

- Bom dia!

Nicolino Fior d’Amore nem deu resposta. Foi entrando, tirando o paletó, enfiando outro branco, se sentando no fundo à espera dos fregueses. Sem dar confiança. Também seu Salvador nem ligou.

A navalha ia e vinha no couro esticado.

- São Paulo corre hoje! É o cem contos!

O Temístocles da Prefeitura entrou sem colarinho.

- Vamos ver essa barba muito bem feita! Ai, ai! Calor pra burro. Você leu no Estado o crime de ontem, Salvador? Banditismo indecente.

- Mas parece que o moço tinha razão de matar a moça.

- Qual tinha razão nada, seu! Bandido! Drama de amor cousa nenhuma. E amanhã está solto. Privação de sentidos. Júri indecente, meu Deus do céu! Salvador, Salvador... – cuidado aí que tem uma espinha – este país está perdido!

- Todos dizem.

Nicolino fingia que não estava escutando. E assobiava a *Scugnizza* (MACHADO,2001)

A barbearia assim assumia um dos espaços de encontro de homens que colocavam em pauta conversas relacionadas às notícias dos jornais, desta forma, quando Juó Bananérie se define também como *gionaliste* é possível perceber a relação de envolvimento entre as pessoas comuns e as questões governamentais sendo traduzidas no inalterável chavão: este país está perdido!

Juó Bananérie mostra de forma singular a sonoridade seja ela marcada pela sua caricatura verbal representada na mistura do idioma ítalo-brasileiro, mas também se articula com os barulhos da cidade que se misturam entre os pregoeiros na cidade.

-O formaggio! Olha o formaggio! É o barateiro, o barateiro!”
(Lembranças de Sr. Ariosto – BOSI, 2010; p.105)

Ó pizzaiolo , é cávora! Alitche e pomarola! (PENTEADO, 2003; p.208)

Survetinho, survetón,

Survetinho de limón

Quem não tem o dez tostão

Não toma sorvete não.

Sorvete Iaiá (Lembranças do Sr. Abel – BOSI, 2010; p.131)

Assim é possível perceber que a inspiração de Juó Bananére estava nas ruas, as falas urbanas sinalizam uma grande quantidade de trabalhadores ambulantes que anunciavam e vendiam vários tipos de produtos nas ruas, tratam-se das sonoridades urbanas popularmente conhecidos como pregões.

Percebe-se que o processo transformativo de cidade interage com os seus movimentos e sons, por meio de relatos memorialistas é possível dar vozes a esses personagens da história que muitas vezes ficaram marginalizados pela história oficial, assim os barulhos provocados por vendedores com a falas musicadas, ritmadas e engraçadas, assim como assobios, buzinas, apitos, gaitas, sinos entre outros objetos que pudessem emitir sons, mostram o cotidiano urbano em ritmo transformativo.

Havia ainda os vendedores de leite ou de cabra com seus respectivos animais puxados por uma corda. As campainhas que os mamíferos traziam ao pescoço anunciavam-lhes de longe a aproximação.
(PENTEADO, 2003,p.209)

Sob o signo da diversidade é possível perceber uma trama enredada no espaço urbano em que os ritmos se aceleram com os processos transformativos proporcionado visibilidade ao cotidiano de imigrantes italianos em São Paulo.

Considerações:

Com ênfase no objetivo do projeto: *Promack: história da imigração italiana para São Paulo por meio de documentos brasileiros e italianos*. Esse artigo buscou na documentação do semanário *O Pirralho* apontamentos críticos e ao mesmo tempo cômicos, do cronista Juó Bananére, personagem criado por Alexandre Marcondes em que busca mostrar o processo transformativo na cidade de São Paulo e por meio dessas mudanças na fisionomia da cidade como é possível perceber o modo pelo qual o cotidiano dos imigrantes italianos acaba sendo enredado num espaço híbrido em que no bojo do sentido de mudança que consistia o ideário de modernidade é possível perceber nas suas linhas irônicas que os imigrantes convivem com o provinciano.

Inserido nesse sentido híbrido, Juó Bananére cria uma nova língua misturando os códigos ortográficos do idioma português com o italiano, inventando palavras inspiradas na forma falada dos imigrantes italianos que chegaram a São Paulo e ocuparam os bairros do Brás, Bexiga, Barra Funda e Bom Retiro.

Apropriando-se do quesito da oralidade, esse artigo também se preocupou com a sonoridade urbana destacada pelos vendedores ambulantes imigrantes italianos empregadas pelo uso dos pregões. Para tanto buscou uma documentação pautada nos relatos registrados pelos memorialistas, procurando deste modo resgatar a tensão marcada pelo sentido transformativo da cidade e a forma de sobrevivência do cotidiano dos trabalhadores informais na cidade.

Assim, por meio desses ‘barulhos’ resgatados por relatos memorialistas que se entrelaçam na caricata linguagem utilizada pelo cronista Juó Bananére pode-se dar visibilidade a personagens e sujeitos da história que muitas vezes ficaram marginalizados pela história oficial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMERICANO, Jorge. **São Paulo naquele tempo (1895-1915)**. São Paulo: Carrenho Editorial.2004.

ANTUNES. Benedito (org.) *Juó Bananére: as cartas d'Abax'o Pigues*. São Paulo: UNESP, 1998.

- BENJAMIM, Walter. *Discursos Interrompidos I*. Madri: Taurus, 1982.
- BORGES, Augusto Cesar Mauricio. *A sátira política em O Pirralho : Juó Bananére e o Hermismo - 1911 a 1915*. São Paulo: s.n, 2009.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo : Companhia das Letras, 2010.
- CHAULHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e Botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1986.
- FONSECA, Cristina. *Juó Bananére: o abuso em blague* São Paulo: Ed. 34, 2001.
- MACHADO, Antonio de Alcântara. *Brás, Bexiga e Barra Funda : notícias de São Paulo*. Belo Horizonte : Itaiiaia, 2001.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru: Edusc, 2002.
- MORAES, José Geraldo Vinci de. *Sonoridades Paulistanas: a música popular na cidade de São Paulo*. São Paulo: Bienal, 1997.
- MORAES, Mirtes de. *Tramas de um destino: maternidade e aleitamento - São Paulo, 1899-1930*. São Paulo: s.n, 2005.
- NORA, Pierre. *Entre Mémoire e Histoire*. Paris: Guillimard, 1984.
- PENTEADO, Jacob. *Belenzinho 1910: Retrato de uma época*. São Paulo: Carrenho Editorial, 2003.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. *Cotidiano e sobrevivência: a vida do trabalhador pobre na Cidade de Sao Paulo, 1890-1914* . São Paulo: Edusp : FAPESP, 1994.
- RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *História sem fim ...:Inventário da saúde pública, São Paulo - 1880-1930*.São Paulo: UNESP, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*.São Paulo, Cia das Letras, 1992.

Fascismo no Estado de São Paulo

Ines M. Minardi e Esmeralda Rizzo

Muito tem se escrito sobre o fascismo no Brasil que teve seu início nos primeiros anos da década de 1920 na Europa, com ecos no Brasil a partir da década de 30. Antes disso, o fascismo era visto como algo de pouco interesse geral e "coisa de italianos". Trata-se de uma ideologia política que tem como núcleo, o mito personalista e como forma, o populismo ultranacionalista. Os componentes operacionais da ideologia fascista... “apontam para a notória primazia do poder político sobre considerações de caráter social, econômico e social”⁹. O Estado corporativista, subordina a sociedade e a economia às aspirações de grandeza nacional com natureza hierárquica, autoritária e elitista. A importância de seu estudo reside na difusão de seu modelo em todos os continentes, obedecendo a características próprias históricas e culturais.

Embora na prática tenha sido um regime conservador na preservação das principais instituições como monarquia, igreja e forças armadas, em sua raiz ideológica existiu um forte elemento revolucionário.¹⁰ Contudo no fascismo, elites intelectuais e

⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci, Frederico Croci (Orgs) *Tempos de Fascismos, Ideologia-Intolerância- Imaginário*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo - Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010 p.25

¹⁰ Idem p. 27

políticas, foram excluídas e impedidas da prática política, intelectual e cultural através da censura e perseguição, enquadrados na categoria de “inimigos”.

*A intolerância do fascismo deriva claramente de seu nascimento político como ideologia política contraposta aos princípios e práticas da democracia liberal. Utilizando os termos de Bobbio, o fascismo centrado-se na importância e na primazia do poder político, não admite as discussões que podem fazer prevalecer a razão... porque as verdades do fascismo não são necessariamente de origem racional... não reconhece o direito natural à vida (o direito humano básico), nem o direito à integridade física e todas as liberdades que derivam disto, mas propõe uma visão orgânica na qual o bem-estar do indivíduo está subordinado ao da comunidade (nação-raça) e às leis que esta, desenvolve ao longo da história e que impelem seu bem-estar, mesmo que para consegui-lo seja necessário o sacrifício individual.*¹¹

Segundo o relato de Silvio Bertoldi, numa livre tradução, temos que a burguesia italiana de 1940, era surdamente hostil à guerra, não menos do que a classe operária e agrícola. Não odeia ninguém, muito menos franceses e ingleses, companheiros de armas contra aquela Alemanha que ao seu lado agora deve combater; como se não existisse a antiga aversão italiana pelos austríacos e alemães, inimigos históricos. Morrer por Mussolini a quem interessa? Tantos anos de ditadura não foram suficientes para persuadir da infalibilidade do gênio que decide por todos. O carisma de o Duce é um logro. A mesma burguesia não acreditava mais nas ostentações triunfalistas de Mussolini e dos seus asseclas, em suas vazias ameaças ao mundo todo.¹²

Entretanto, o conteúdo da secretíssima carta que o Duce escreveu de próprio punho endereçada a Hitler, com data de 30 de maio de 1939, participa sua solitária e pessoal decisão de aliar-se à Alemanha e com irresponsável exultação, observa que “... o povo italiano está impaciente de juntar-se ao povo alemão na luta contra os inimigos comuns”, porque a Itália tem...” em bom estado de eficiência cerca de setenta divisões”. Declaração falsa porque o exército não dispunha de tanques de média

¹¹ Idem p. 32

tonelagem, não possuía nenhuma divisão de couraçados e as divisões mais ou menos completas somavam apenas dezenove, enquanto a contra aérea era dotada de canhões da guerra de 1915.¹³ Contudo o Pacto de Aço entre os dois países foi firmado sem que ninguém na Itália o desejasse. O contínuo dueto belicoso Mussolini-Hitler (aliado-rival), tomava novo rumo para os italianos que se perguntavam: o que será de nós?¹⁴

A segunda guerra mundial pretendida pela Alemanha despertou lembranças de experiências vividas num passado não muito distante para a geração que padeceu a tragédia de 1915-18, e que por ocasião da segunda grande guerra, contava com 40 a 50 anos. Aos jovens despertou um senso imediato de novidade e de curiosidade, logo perceberiam que abandonariam seus hábitos e programas de vida.¹⁵

Naturalmente não existia um único abrigo antiaéreo em toda a Itália, nem um plano de refugiados para as grandes cidades. Como sempre as ordens foram confusas e casuais. Precisariam construir refúgios privados, adequar os porões, as autoridades municipais disporem de abrigos públicos. As autoridades públicas não tomaram as providências, o povo não se deu o trabalho de pensar, apenas poucas pessoas chamaram pedreiros para calçar as estruturas dos telhados com vigas de madeira. Nem os padres levaram na devida seriedade a situação.¹⁶

No dia 10 de junho de 1940, Mussolini rompe com um longo silêncio desde o 1º de setembro do ano anterior em que afirmara que a Itália escolhia a não beligerância, a neutralidade. Começa a falar às 18h00 do terraço do Palazzo Venezia. Chegou cinco minutos antes, girando a cabeça com o queixo para o alto, da direita para a esquerda, como de hábito, as mãos na cintura e às vezes na balaustrada onde pendia a insígnia do partido. A praça lotada, de certa forma já prevendo o que ouviria. Mussolini contava com quase sessenta anos, inchado porque sua saúde deixava muito a desejar, e por conta do mal estar, vivia de mau humor. Oito dias antes do grande discurso, escreveu a Hitler uma carta significativa, se lida hoje, serviria como atestado de arteriosclerose. Uma carta arrogante e presunçosa de um poder absoluto, sem o senso do limite e do

¹² BERTOLDI, Silvio. *Il Giorno Delle Baignette* - Milano: Rizzoli Editore, 1980. P.31 e 34

¹³ Idem p. 14

¹⁴ Idem p. 17

¹⁵ Idem p. 19

¹⁶ Idem p. 20

ridículo: “o meu programa é o seguinte: segunda feira, 10 de junho, digo dez de junho, declaração de guerra, e no dia 11 pela manhã início das hostilidades”. Escreve na primeira pessoa, como um nune, acima do que possa pensar o povo e da história, árbitro e oráculo do destino de todos; e que pudesse assumir esta aberrante posição demiúrgica. Pode-se estranhar hoje, mas foi fatalisticamente aceito na ocasião, quando consentiram a Mussolini que levasse à guerra a Itália, numa decisão arbitrária e pessoal nem ao menos comunicada e discutida no Conselho de ministros, omitida até ao Grande Conselho do fascismo, órgão máximo de deliberação do regime. Terminou o discurso com a frase: “Povo italiano, corra às armas, e demonstra a tua tenacidade, a tua coragem, o teu valor”¹⁷. Depois dos aplausos, cada qual voltou para casa com seus próprios pensamentos, com dificuldade em acreditar na declaração de guerra.

Dificuldade esta, que atormenta Ciano, o genro de Mussolini e seu Ministro do Exterior. Ele tenta se iludir que é apenas um jogo de faz de conta, principalmente depois de ter constatado que o sogro não possuía nenhum plano de guerra e que acima de tudo temia a ira de Hitler. Na ocasião da rendição da Itália aos aliados, Ciano já estava sofrendo vários processos por enriquecimento ilícito. Suas fugas chegaram ao fim no forte Procolo, a alguns quilômetros de Verona, na Itália Setentrional, onde ele e outros quatro réus foram executados por um pelotão de fuzilamento. Edda, que havia implorado ao pai que poupasse a vida de seu marido, ficou arrasada com a morte deste e quase sofreu um colapso nervoso.¹⁸

Sua escolha foi política e a sua única perturbação, não poder influir nas decisões de guerra da Alemanha. A situação italiana continuou se agravando e Mussolini percebeu que a Itália não tem a mínima condição de entrar em campo de batalha. Mas como dizer isso a Hitler, como sustentar seu olhar, como esclarecer que para intervir seria necessária muita ajuda que somente a Alemanha poderia fornecer. Escreve a Hitler elencando todas as necessidades italianas e recebe um telegrama como resposta: “Duce, lhe agradeço da forma mais cordial a ajuda diplomática e política que dispensou à Alemanha e a seus direitos. Estou convencido de poder preencher com as

¹⁷ BERTOLDI, Silvio. *Il Giorno Delle Baignette* - Milano: Rizzoli Editore, 1980. p. 40

¹⁸ ANNUSSEK, Greg. *Hitler e o resgate de Mussolini. Uma das mais célebres operações de guerra do século XX*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. P. 252

forças militares da Alemanha a tarefa que nos propusemos. Creio, portanto de não precisar, nestas circunstâncias, da ajuda militar italiana. Agradeço Duce, também por tudo aquilo que virá fazer no futuro para a causa comum do Fascismo e do Nacional-socialismo”¹⁹.

Este telegrama nunca foi dado a conhecer ao povo alemão, graças à sutil perfídia de seu autor. Os alemães ignorando o ocorrido, começaram a desprezar os italianos, vira casaca históricos, que faltam com a palavra empenhada.²⁰ E não é sem razão que o autor, dedicou seu livro “ Ai miei amici che furono giovani invano e che morirono per niente” (*aos meus amigos que foram jovens em vão e que morreram por nada*).

A propaganda fascista no exterior foi dirigida aos italianos e seus descendentes que viviam fora da Itália. Na década de 1930 a máquina fascista se empenhou num grande esforço para difundir o fascismo por países europeus e latinos americanos. O uso do rádio, veio ao encontro dos interesses da Itália fascista, como meio rápido e eficiente na empreitada. Fazia ainda parte da propaganda, o envio de filmes e documentários destinados preferencialmente às comunidades italianas, evitando discretamente a presença de não italianos, com o intuito de garantir a simpatia tanto do governo brasileiro, como da opinião publica em geral. A imprensa escrita não passou despercebida nesse processo de propaganda, e foi através de aquisição de jornais e publicações de periódicos, por parte dos órgãos italianos no Brasil, que a propaganda fascista, conseguiu dividir a população de certa forma em dois grupos distintos, os simpatizantes à causa de Mussolini e os antifascistas. Todavia, esta cisão ficou mais nítida com a Guerra da Abissínia. É digno de registro que o Brasil, desde o início, se inclinou numa posição pró Itália, embora não fosse naquele momento, a prioridade da propaganda fascista. O alvo eram as populações do Reino Unido e dos Estados Unidos, estrategicamente pensados.

A opinião pública brasileira foi trabalhada por uma intensa e variada mobilização dos prós fascistas no Brasil, na tentativa de encontrar justificção a favor da Itália durante a Guerra. Contribuíram para a pronta aceitação dos diferentes núcleos

¹⁹ BERTOLDI, Silvio. *Il Giorno Delle Baignette* - Milano: Rizzoli Editore, 1980. p. 52

de extrema direita que reconheciam no fascismo e depois no nazismo o ideal de nacionalismo necessário para uma nova identidade nos trópicos, solução para o excesso de individualismo, falta de disciplina e submissão de um povo diversificado em todos os sentidos.

Os locais para as discussões e encontros eram variados, com destaque para a Societá Dante Alighieri, fasci all'estero e nos vários Dopolavoro (atividades recreativas).

Para atrair os intelectuais brasileiros à causa, a literatura fascista distribuía às universidades e escolas, farta quantidade de material impresso quanto comendas aos interessados. O Duce facilitou a concessão de bolsas de estudos com viagens subsidiadas à Itália. Com isso houve um sensível aumento do intercâmbio cultural, coroado com a vinda de professores universitários para lecionar em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Os núcleos conservadores podiam ser encontrados a partir do próprio Estado Republicano, como nos grupos emigrados de italianos e alemães que contavam com a simpatia da imprensa brasileira e da própria Igreja Católica. Contudo

Os republicanos constituíram uma minoria de italianos residentes no Estado de São Paulo, geralmente antigos membros do Partido Republicano Italiano, e reuniam-se em círculos culturais, como nos Circoli Mazzini. Com a ascensão de Mussolini na Itália, houve republicanos que se refugiaram no Brasil, onde desenvolveram sua luta antifascista²¹.

Os subsídios italianos se estenderam para a União Jornalística Brasileira (UJB) que se submeteu aos interesses do fascismo. Por ocasião da Guerra na Etiópia (35/36) enquanto os antifascistas tentavam induzir a opinião pública a se insurgir contra a Itália, os fascistas e a UJB faziam movimento contrário a favor do Duce:

(...) de fato, em qualquer momento e em qualquer ocasião, a UJB mostrou-se obediente à vontade de nossas autoridades seguindo as diretrizes com a

²⁰ Idem p. 53

²¹ SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no Estado de São Paulo. (1924 - 1945)*. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 44

*mais leal solícitude, mesmo se tal atitude pudesse acarretar danos mais ou menos consideráveis.*²²

Não foi difícil a absorção pelo Estado dos princípios defendidos pelo nazifascismo, se considerarmos a tendência já existente entre nós, de tentar solucionar problemas com medidas de exceção, a exemplo do Decreto-Lei criado por Mussolini e que tanto caiu no gosto dos nossos governantes até os nossos dias.

Entretanto, a Itália levou alguns anos para considerar devidamente o resultado do trabalho do fascio no Brasil. As principais instituições na divulgação do fascismo entre nós foram a Ópera Nazionale Dopolavoro (OND) e Associação do Fascio de São Paulo. Porém, nem todos que se filiavam às duas instituições, estavam realmente interessados no aspecto político e sim, pelas atividades sociais como piqueniques, festas e jantares; quando não fosse para evitar problemas com o Consulado Italiano e o Banco Francês-Italiano que sabiam pressionar e por vezes obrigar a filiação ao fascio tanto dos funcionários quanto da clientela.

As duas instituições em 1938 alteraram o nome respectivamente para Organização Nacional Desportiva (OND) e Ente Assistenziale (o Fascio), para dar uma conotação assistencial e não política às instituições. Contudo, não conseguiram ludibriar a Polícia Política de São Paulo, que continuou atenta ao movimento dos fascistas. Num relatório, o DEOPS/SP informou para o DOPS do Rio de Janeiro em 1939:

*Dirigidos pelo Tenente Renato Bifano, os fascistas italianos prosseguem com a máxima liberdade a propaganda da ideologia de sua pátria de origem. O Tenente Bifano (...) é mantido com ordenado do Partido Nacional Fascista ao qual está diretamente ligado. (...) Os fundos angariados figuram como se fossem para assistência, mas são destinados à propaganda e à manutenção de seu pessoal, e das seções ocultas espalhadas por todo o país, principalmente no Estado de São Paulo. A OND era organização conhecida como Ópera Nazionale Dopolavoro que agora se apresenta com o disfarce de Organização Nacional de Esportes.*²³

²² Idem p. 279

²³ SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no Estado de São Paulo*. (1924 - 1945). São Paulo: Humanitas, 2008. p. 273

De um relato da polícia em 1940, emerge um encontro para um banquete num restaurante do Cambuci em São Paulo, “vários elementos de destaque do fascismo”, onde estavam presentes o tenente Renato Bifano, Serafino Fileppo Leto, Humberto Sola e Conrado Bernacca dentre outros. E que este último fez um discurso inflamado em que atacou o Brasil e,

(...) perdendo o controle disse que apesar dos imigrantes italianos terem sido responsáveis pelo enriquecimento de muitos brasileiros, agora eram tratados como estrangeiros indesejáveis e sem igualdade de direitos. Graças ao regime fascista de Mussolini, os italianos não precisavam mais emigrar para o Brasil. Com o fascismo esta indecência acabou, não virá mais nenhum imigrante italiano...por esses cinco anos, muitos colonos italianos daqui, plantadores de café irão para a Abyssinia.²⁴

O estado de neutralidade da política brasileira, foi inúmeras vezes afrontado pelos fascistas com manifestos nacionalistas italianos, instigando a colônia italiana a boicotar produtos ingleses em 1941:

O dinheiro que deres a estas firmas se transforma em projéteis para matar os teus irmãos. (...) Não comprar jornais que são pagos para insultar os teus irmãos; refute as mercadorias que trazem a marca dos ingleses e de seus amigos, também se vendidos por italianos; não dar a tua publicidade e os teus anúncios de qualquer gênero às estações de rádio e aos jornais a serviço da libra esterlina; não frequentar locais de propriedade inglesa (...). Lembre-se que saber-se-à logo ou tarde se fostes capaz de cumprir teu dever para com a Italia.²⁵

Os manifestos infringiam o Decreto-Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, que proibia atividades políticas de estrangeiros no Brasil. Como agravante, os filhos nascidos no Brasil não eram considerados brasileiros e sim italianos. Assim como, o material escolar deveria ser em língua italiana e o conteúdo adequado ao fascismo:

²⁴ Idem p. 136

²⁵ SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no Estado de São Paulo. (1924 - 1945)*. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 274

*Bisogna parlare(...)italiano. La lingua è l'espressione vivente e attiva de un popolo nella sua continuità storica e compendia le sue glorie passate con le sue possibilità presenti. Diffondere questa coscienza (...) ed è opera del Fascismo.*²⁶

Somente em 1938, Getúlio regularizou a situação do ensino no Brasil por Decreto, proibindo o idioma e os subsídios estrangeiros às escolas. A mais importante difusora do fascismo em São Paulo foi o Dante Alighieri, que trazia da Itália os diretores e mantinha entre os alunos o cumprimento do fascio. A figura de Mussolini era exaltada e apresentada aos italianos emigrados como não apenas o “Duce”, o condutor, o guia, mas nada menos, como o Salvador.

A partir de 1922, com a colaboração da imprensa brasileira e italiana, controlada pelo fascio, os feitos de Mussolini ganharam estatura de governo “equilibrado e consciente”, para ser admirado e seguido tanto pela Alemanha como pelo Brasil. O governo de Getúlio, principalmente no Estado Novo (30-45), não perdeu a oportunidade de absorver o que lhe fosse de interesse para garantir e preservar o poder. Inspiração nazi-fascista foi muito oportuna para conter as massas, impregnar e construir o nacionalismo brasileiro e uma identidade nacional.

A década de 20 foi de grande esforço para reforçar a identidade nacional. Na construção de um nacionalismo, o Brasil buscou fundamentos no positivismo, na tentativa de superação das imensas dificuldades para a unificação de um povo heterogêneo com culturas díspares entre si.

A política Getulista estava afinada com o nazi-fascismo e pretendeu o branqueamento da população brasileira facilitando sobremaneira a imigração de europeus:

Em função de seus princípios políticos dedicou-se a elaboração de um projeto educacional e de uma política imigratória em “prol do abasileiramento da República” fundados na intolerância, na xenofobia e no nacionalismo

²⁶ Idem p. 60 - tradução livre: (é preciso falar italiano. A língua é a expressão viva e ativa de um povo na sua continuidade histórica e compendia as suas glórias passadas com as suas possibilidades presentes. Difundir esta consciência é obra do fascismo.)

*exacerbado, elementos característicos dos
fascismos europeus.*²⁷

Perpetrou-se a violência contra os judeus e demais estrangeiros com o aparato policial que via à sua volta e alcance, todos os estrangeiros foram tidos como perigosos e cidadãos do eixo, sem o espírito de brasilidade, portanto.

Para tal empreitada Getúlio contou com a colaboração dos integralistas, de parte dos empresários brasileiros que, em nome do anticomunismo, seguiam a luz do farol do integralista Gustavo Barroso, formador de uma “escola de anti-semitas”, com várias publicações como: *O Quarto Império (1935)*, *A Sinagoga Paulista (1937)*, *Judaísmo, Maçonaria e Comunismo (1937)*, *Roosvelt es Judio (1938)*, além da tradução dos Protocolos dos Sábios do Sião.²⁸

Em nome da “proteção ao homem brasileiro” e ao “progresso material e moral”, assim como “a identidade e segurança nacional”, em 1937, com o Estado Novo, teve início a política de nacionalização. Do discurso comum entre fascistas, nazistas e integralistas se depreendia uma aversão aos comunistas, judeus e liberais. Sob a liderança de Plínio Salgado, os “camisas verdes” (arremedo dos “camicerere”, de Mussolini), fundado em 1932, foram bem vistos por Getúlio, até a tentativa frustrada de tomada de poder em 1938. O fascismo brasileiro representado pelo movimento da Ação Integralista Brasileira, inspirado nos modelos italiano e alemão, tinha como metas o anticomunismo, anti-semitismo e anti-socialismo.

Em 1933, já representava um forte instrumento de repressão contra as massas. “Para as autoridades o cárcere tinha também um poder simbólico que inibia a sociedade de agir em desacordo com as normas estabelecidas pelo regime vigente”²⁹. Aqueles que sofreram a reclusão durante alguns meses no cárcere da polícia política, não se recompunham com facilidade, como Graciliano Ramos, que ao ser libertado deu seu depoimento:

²⁷ Maria Luiza Tucci Carneiro, Frederico Croci (Orgs) *Tempos de Fascismos, Ideologia- Intolerância- Imaginário*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo - Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010 p. 436

²⁸ Idem p. 437

²⁹ SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no Estado de São Paulo. (1924 - 1945)*. São Paulo: Humanitas, 2008. P. 44

*Sentia-me incapaz de trabalho, a vida se estragara.
Camaradas antigos voltariam a cara, dobrariam
esquinas ao ver-me, receosos de comprometer-se.
Havia em mim pedaços mortos, ia-me, aos poucos
habitando à sepultura; difícil ressurgir, vagar na
multidão, à toa, como alma penada.³⁰*

A exemplo dos fascistas e nazistas, os integralistas criaram milícias armadas, uniformizadas e treinadas para destruição dos inimigos de esquerda. Em 1934, os camisas verdes vêm suas fileiras engrossarem em todo o país. Contam com total apoio dos fascistas italianos e alemães, da polícia, dos donos de banco, de fazendeiros e intelectuais, remunerados pelas classes dominantes. Promoveram com frequência, desfiles, passeatas, jornais polêmicos, com o beneplácito da Igreja Católica, das letras, das Forças Armadas, do Governo e do seu “Chefe Nacional” Plínio Salgado, que aspirava ao poder enquanto se aproximava de Getúlio, para tornar indispensável sua colaboração à solução de todos os problemas nacionais. A receita integralista se constituiu em “enquadrar” de medo total as classes trabalhadoras e a superestrutura social e política, contra “o perigo comunista”. A arrogância fascista, somada à leniência do governo, facilitou as práticas de violência contra os inimigos políticos. Numa conjuntura econômica desfavorável, Getúlio manda queimar o excedente da produção de café, na tentativa de segurar o preço no mercado internacional; ao mesmo tempo, faz vista grossa com os integralistas na esperança de governar com mais tranquilidade.

Entretanto os integralistas tiveram que esgrimir com a formação da Frente Única Antifascista (FUA), composta por militantes de organizações de esquerda de tendência trotskista e socialista, grupos antifascistas estrangeiros que com a intensa propaganda em São Paulo, esclareciam a população sobre os efeitos do fascismo em seus países de origem. A formação da FUA foi possível, graças ao entendimento estabelecido entre as várias correntes do movimento operário e de camadas intelectuais nacionais e imigrados, organismos sindicais, enfim, cidadãos de todas as tendências, com um único propósito, combater o fascismo integralista.

³⁰ Idem p. 89

Dentre os mais atuantes da FUA, com campanhas de esclarecimentos em artigos nos jornais (A Plebe e Homem Livre), se destacaram Mario Pedrosa, Aristides Lobo, M. Macedo, Lívio Xavier e G. Rosini que suas análises e comentários desmascararam toda a demagogia fascistóide do integralismo. Um comentário oportuno de Mario Pedrosa:

A data de 7 de outubro (1934) não pode ser sectarizada nem monopolizada por esta ou aquela tendência. Ela pertence a todos nós, ela se deve sobretudo ao heroísmo do proletariado de São Paulo; sua comemoração cabe a todos nós, anarquistas, antifascistas, democratas, revolucionários, stalinistas e trotskistas, comunistas, socialistas que participamos dela na medida de nossas forças e num espírito de Frente única verdadeiramente proletário, o que tornou impossível o reaparecimento dos bandos integralistas nas ruas de São Paulo.³¹

Comentário em função da grande manifestação pública, com direito a passeata militar, para o dia 7 de outubro em comemoração ao segundo ano da criação da Ação Integralista. A notícia caiu como uma bomba na FUA, que se articulou para impedir a manifestação oposicionista. Numa síntese clara de já citado Mario Pedrosa (1900-1981), responsável pelo trotskismo no Brasil no final na década de 20 - crítico de arte, curador da segunda Bienal de Arte de São Paulo; filiado nº1 ao PT, deu um depoimento para Paulo Sergio Pinheiro, Angela Zirollo e Mauricio Dias, publicado na Revista *Isto é*

...Todo o ano de 1934 foi marcado por conflitos de rua entre as esquerdas e os integralistas. Quando anunciaram, tanto através de sua revista “Ofensiva” como nos jornais, que pretendiam fazer, no dia 7 de outubro, uma concentração com 10 mil homens no Largo da Sé, já estávamos determinados a responder à altura. Enquanto promovíamos o levantamento da contribuição de cada organização da frente, em termos de homens e de armas, estabeleceu-se nos

³¹ ABRAMO, Fúlvio. *Baderna - A revoada dos Galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil* - São Paulo: Veneta, 2014. P.56

jornais uma verdadeira polêmica, com notas cada vez mais violentas de parte à parte. Anos depois, durante o Estado Novo, encontrei-me com Washington com um dos protagonistas do encontro, Armando Sales de Oliveira, governador do Estado em 1934 que, como eu, estava exilado do Brasil. Ele me declarou que os integralistas lhe haviam pedido para proibir a manifestação devido ao agravamento de tensões, sob o pretexto de manutenção da ordem. Perguntei por que não o fez e ele me disse recear que os próprios integralistas acusassem mais tarde o seu governo de coibir manifestações por motivos eleitorais. No dia 7 o Largo da Sé - onde se localizava no Edifício Santa Helena, a sede da Federação Sindical de São Paulo - foi ocupada pelo povo. A polícia depois o evacuaria, instalando uma metralhadora na porta da Catedral ainda em construção. Enquanto isso, os integralistas reuniam-se em sua sede na Brigadeiro Luiz Antonio e, evacuado o Largo, dirigiram-se para lá sem qualquer pompa militar e tomando um atalho, para evitar, dessa forma, o confronto conosco, que os esperávamos na XV de Novembro. Já nos primeiros tiros, começou a debandada. Lembro-me de que havia um Café num dos lados da Rua Barão de Paranapiacaba onde se encontrava Décio Pinto. “Estou ferido”, ele gritou para mim que estava do outro lado da rua. Corri até ele e o segurei. Logo depois Fúlvio Abramo se aproximou e o amparou. Foi nesse instante que fui ferido pelas costas. Décio Pinto acabaria não resistindo aos ferimentos. Como resumiu muito bem Marchek, um companheiro húngaro que participou de todo o episódio, “foram quatro horas de ditadura do proletariado”³²

Contra o fatídico dia 7 de outubro, a FUA publicou uma série de manifestos e panfletos dirigidos ao povo brasileiro, numa tentativa de chamar à razão e motivar para a “contra manifestação” uma razoável parcela da população, distante dos

³² ABRAMO, Fúlvio. *Baderna - A revoadada dos Galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil* - São Paulo: Veneta, 2014. P.109 e 112

acontecimentos políticos nacionais e internacionais. Aquela faixa numerosa da população, alienada e anestesiada pelo prazer das pequenas conquistas pessoais que atravessa todos os tempos.

O povo paulista não simpatizava com os camisas verdes, pois era rico, burguês, separatista e profundamente conservador. Segundo relato de Cesar Rivelli, os paulistas não aceitavam o movimento integralista por pregar a disciplina, o sacrifício e a subordinação do interesse individual ao coletivo.

Se o sucesso da empreitada da FUA foi incontestável, a duração da Frente foi minada por interesses pessoais do Grupo Comunista stalinista.

Os movimentos independentes das duas Frentes oposicionistas entre si deram seus passos articulados até o 23 de novembro de 1935, quando a desastrosa Intentona Comunista promovida pelo PCB a partir das orientações do COMINTERN. As insurreições - no dia 23 em Natal, no dia 24 em Recife e 27 no Rio de Janeiro - foram prontamente reprimidas pelo governo Vargas que oportunamente aproveitou para neutralizar os opositores do seu Regime, mesmo aqueles que não haviam participado da Intentona como os socialistas, anarquistas e trotskistas. Tem início à repressão ao movimento operário e sua imprensa proibida.

A Liga Comunista Internacionalista (Bolcheviques - Leninistas) liderada por Fúlvio Abramo, juntamente com os anarquistas, durou um curto espaço de tempo (um ano e meio), sua luta feroz contra a FUA foi minada pelos comunistas - com sua desastrosa política sectária que se manteve historicamente até a dissidência que, mais tarde, criou segundo Partido Comunista PC do Brasil - e pelos anarquistas, por sua obediência à concepção antiorganizativa.

Dentre os anarquistas mais ilustres encontrava-se Ernesto Gattai e sua esposa Angelina. Esta, com gosto pela leitura, guardava seus dois livros de doutrina libertária, sendo um deles da autoria de Bakunin e o outro de Kropotkin; o livro Dramas anarquistas, de Pietro Guóri; Os Miseráveis, Notre-Dame de Paris e Os Trabalhadores do Mar, de Victor Hugo; A Divina Comédia, de Dante Alighieri, dentre outros de igual peso. Tempos mais tarde a Polícia Política de São Paulo com o interesse de encontrar indícios comprometedores das atividades “ilícitas” de Ernesto,

classificou seus livros como leituras “subversivas”. O relato da filha, Zélia Gattai, esclarece a avidez da polícia daqueles idos de 1937:

Na época (...), bastava uma denúncia ou simplesmente suspeita para que uma casa de família fosse cercada por enorme aparato bélico, policiais apontando metralhadoras, os lares invadidos - a qualquer hora do dia ou da noite - por policiais armados, pais de família arrancados de seus leitos e arrastados para as masmorras, para o porão úmido e escuro da Delegacia de Ordem Política e Social, incomunicável. Foi o que aconteceu à minha família, foi o que aconteceu ao meu pai.

Provas de acusação: armas - a velha espingarda de caça, pendurada no seu lugar de sempre, atrás da porta -, farto material subversivo constituído pelos volumes de nossa pequena e manuseada biblioteca. (...) E o precioso arquivo de mamãe, guardado cuidadosamente, durante anos a fio, debaixo do colchão: artigos políticos, notícias, Ilustradas, sobre prisões e expulsões do país de conhecidos e amigos, entre os quais o velho Oreste Ristori, enviado para as prisões de Mussolini, onde morreu.³³

O processo de Ernesto Gattai, composto por seis volumes, durou seis meses e foi motivo de orgulho para as autoridades da DEOPS, por acreditarem ter desmantelado a organização do PCB. Feito, que aumentou tanto a sua credibilidade quanto os seus poderes. Gattai foi preso em 14 de outubro de 1937, para ser expulso do território nacional por ser considerado um ‘elemento estranho ao país,’ juntamente com outros estrangeiros comunistas que agiam no Brasil e que segundo as autoridades, constituíam ‘um corpo exógeno obscuramente submetido às suas próprias leis, obedecendo apenas a seus próprios imperativos ou a seus próprios apetites’. Sua

³³ SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no Estado de São Paulo*. (1924 - 1945). São Paulo: Humanitas, 2008. P. 184

expulsão foi decretada em 22 de dezembro de 1937, entretanto, não pôde ser executada, Gattai já havia falecido.³⁴

A partir de 1942, quando o Brasil entrou na Guerra por pressão dos Estados Unidos, o leque de inimigos se ampliou de 1938 a 1942, toda e qualquer comunidade de imigrantes esteve sob a mira da Polícia Política, arbitrária, persecutória, com o intuito de neutralizar os nazistas do Cone Sul, com a ajuda do FBI, a Interpol, dos consulados, embaixadas e até de cidadãos comuns.

Segundo o relato da autora citada, Maria Luiza Tucci:

Podemos afirmar que os grupos fascistas passaram por três etapas distintas frente ao Poder central: 1º fase (1923-1938) etapa de configuração e estabilidade dos fascios; 2º fase (1938-1942) processo de “desnacionalização” dos Partidos Políticos marcado por uma atitude vigilante, ainda que tolerante, por parte do Poder central; 3º fase (1942-1945) repressão aos grupos fascistas rotulados de “inimigos da democracia e do Brasil”. ... ‘ O fascismo só assumiu integralmente a sua política tempos depois da marcha sobre Roma. Não se pode dizer que com o Outubro de 1922, a maioria do país (Itália) e das próprias forças políticas, tenha verdadeiramente adquirido a consciência do significado exato do processo de afirmação do fascismo. E, sobretudo, torna-se hoje cada vez mais evidente que a situação italiana estava ainda potencialmente aberta a outras saídas que não aquela, de forma alguma “ fatal”, da transformação do governo Mussolini em Regime Fascista.’³⁵

O nacionalismo foi usado demagogicamente para desviar a atenção da população das reais intenções do governo no que concerne ao uso e abuso do poder na Itália e no Brasil. No combate antifascista os socialistas, os democratas entenderam que

³⁴ SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no Estado de São Paulo*. (1924 - 1945). São Paulo: Humanitas, 2008. P. 190

³⁵ HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo - São Paulo*: T.A. Queiroz, 1988. P.182

deveriam agir sobre a colônia italiana de São Paulo, dando vida a uma série de instituições. Enquanto isso em:

“1928 a fascistização das instituições italianas era uma realidade (...) atuando também a longo prazo, os fascistas tentavam reorganizar as escolinhas italianas” no Brasil, em que os antifascistas se opunham por considerarem uma ameaça ao bom relacionamento com o Brasil, visto que a propaganda afirmava que a “língua italiana é a mais bonita do mundo”; o povo italiano é o mais inteligente do mundo; Mussolini é o maior gênio que já existiu desde que o mundo é mundo... Como resultado desta propaganda descabida, seria de se esperar “uma justificada reação do elemento nacional, que veria como um atentado à própria integridade e à soberania intelectual”³⁶.

Os Fascistas e antifascistas fundaram vários jornais com o propósito de angariar maior número de adeptos para a sua causa. A Plebe, La Rivista Coloniale, Il Secolo, Lotta Proletária, Avanti, O Socialismo no Brasil, Il Piccolo dentre outros. Este último, foi emporcalhado por estudantes de São Paulo em 25 de setembro de 1928, por fazer insinuações à dignidade da mulher brasileira, o vice cônsul em São Paulo, declarou que aqui as mulheres estavam prestes a entregar-se porque eram fáceis.³⁷

O embate entre os grupos fascistas e antifascistas chegou a ponto de provocar um posicionamento do jornal O Estado de São Paulo, que não estabeleceu clara distinção entre os diferentes jornais da colônia italiana, condenando a todos:

“Esses jornais invertem constantemente os papéis. Eles não fazem cerimônia alguma em discutir nossas questões nacionais. Partem, porém, sempre do princípio de que não devemos atacar o que lhes parece bom, quando é feito por seus compatriotas... De fato, nosso empenho máximo é absorver os imigrantes, incorporando-os à nossa nação. Esses jornais estrangeiros se fundam, porém, precisamente para o contrário: para dificultar a sua incorporação, para mantê-los ligados à pátria de origem e separá-

³⁶ HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo* - São Paulo: T.A. Queiroz, 1988. P.192

³⁷ Idem p. 194

*los de nós... estamos assistindo à tentativa de jornais estrangeiros que vêm “organizar as colônias estrangeiras para impedi-las de se incorporarem ao Brasil”.*³⁸

A documentação dos arquivos policiais e diplomáticos extrapolam o conceito de memória nacional e institucional. Permitem uma análise que emerge um Estado intolerante e inconstante durante o governo de Getúlio Vargas, face os interesses de poder do período.

Mesmo antes da entrada dos Estados Unidos no conflito mundial, a disponibilidade financeira americana para a propaganda em toda a América Latina com a participação da Inglaterra e França, leva a significativa perda de espaço do grupo fascista no Brasil, onde sofreram boicote comercial principalmente em São Paulo, impedidas as empresas do Brasil, a comercializarem com o Eixo e de empregarem cidadãos italianos e alemães. A tarefa foi levada a cabo com muita eficiência, a ponto de industriais e empresários italianos, cederem às pressões dos Aliados. Entretanto, o boicote não se limitou ao comércio, se estendeu aos cinemas controlados pelos americanos, onde italianos e alemães foram impedidos de passar seus filmes e documentários. Fato este, que levou os alemães a comprar seus próprios cinemas.

A grande virada ocorreu no momento em que o governo brasileiro movido exclusivamente por interesses econômicos, passou a se inclinar para o campo aliado, embora tivesse suas simpatias pelo fascismo europeu. A idéia do corporativismo italiano teve grande influência em vários países, principalmente após a Encíclica Papal Quadragésimo Anno de 1931.

A contraposição de comunistas e nazi-fascistas no Brasil foi muito acirrada, cada qual disputava ferozmente o espaço junto à opinião pública. Para tal, usavam com muito empenho todos os subterfúgios a disposição.

A repressão aos grupos considerados “perigosos” à raça, cultura e à segurança nacional, portanto indesejáveis, como foram os comunistas, socialistas, anarquistas, integralistas, fascistas, nazistas e judeus, enchem as prateleiras do Arquivo da Polícia Política do Estado de São Paulo e revelam o grau da paranóia, da suspeição da Polícia

³⁸ HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo* - São Paulo: T.A. Queiroz, 1988. p. 194

Política do Estado. Subversivo era o termo usado para os “portadores de idéias exóticas”. A prisão de intelectuais e jornalistas considerados subversivos foi a constante da época. Entretanto, é curioso verificar que esses grupos indesejados não fossem ideologicamente coesos como seria de se esperar, apresentavam-se de forma diversificada em movimentos políticos de direita (pela tradição) ou de esquerda (pela emancipação), quebrando os privilégios de uma classe ou raça.

A repressão policial estava assim, justificada colaborando para enfraquecer o antifascismo em São Paulo. Além disso, o movimento desestabilizava-se pelas divergências entre italianos, brasileiros e outros estrangeiros das mais diferentes ideologias (anarquistas, socialistas, “stalinistas” e “trotskistas”). Demonstrações de desunião e de desorganização entre aqueles ativistas foram detectadas pelos investigadores do DEOPS, que as descreviam como sendo a solução para por fim ao antifascismo.³⁹

Dentre os italianos antifascistas se encontrava o militante intelectual e socialista Antonio Piccarolo. Autor de dezenas de publicações viveu e lutou por seus ideais socialistas reformistas na Itália e no Brasil...” manteve relações distantes com o Partido Comunista Brasileiro e se revelou visceralmente contrário à Revolução Russa e seus desdobramentos, os quais comparava ao fascismo”.⁴⁰ O socialismo de Piccarolo foi um socialismo reformista nas circunstâncias políticas e sociais em que se encontrava o Brasil no período de combate ao fascismo. Movido sempre pelo instinto de justiça para com o trabalhador no Brasil, combateu em todas as ocasiões em que se apresentaram a injusta organização dos meios de produção em relação aos proletários. Parafraseando o historiador e autor citado:

(...) “o socialista, nas suas pesquisas incansáveis para encontrar solução harmônica e eficiente para a luta de classes valeu-se de todas as artimanhas disponíveis no período. Foi erudito no momento em que só teria credibilidade, junto à burguesia, o analista portador da “ciência”. Foi contra a greve,

³⁹ SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no Estado de São Paulo*. (1924 - 1945). São Paulo: Humanitas, 2008. P. 258

⁴⁰ Idem p. 20

*apesar de exigir uma legislação que beneficiasse a condição proletária. Foi favorável à representação de trabalhadores no interior das instituições estatais... não foi além porque condenar o capitalismo pareceu-lhe de todo inexecutável, uma quimera... foi socialista não contra os homens, mas contra as coisas; não contra os detentores das riquezas, mas contra a injusta organização dessa riqueza... este foi um socialismo possível”.*⁴¹

Se os anos 30 marcaram a ascensão do fascismo internacional, deveu-se em grande parte à deteriorização do capitalismo clássico da Europa e Estados Unidos. No Brasil, Getúlio Vargas fez alianças com parcelas dirigentes das classes trabalhadoras, facilmente corruptíveis, colocadas à frente das organizações dos sindicatos, federações e confederações com a mesma estrutura fascista que permitia manter sob controle os trabalhadores com ajuda eficiente da repressão policial. Parcela deste poder foi aceita prazerosamente pelo PCB, que passou a defender o trabalhismo de Getúlio praticamente como aliado da ditadura e da política de aliança dos trabalhadores com o “capital progressista nacional”. Movimento que se tornou conhecido como “social fascismo”.

Bibliografia

ABRAMO, Fúlvio. *Baderna - A revoada dos Galinhas verdes: uma história da luta contra o fascismo no Brasil* - São Paulo: Veneta, 2014.

ANNUSSEK, Greg. *Hitler e o resgate de Mussolini. Uma das mais célebres operações de guerra do século XX*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BERTOLDI, Silvio. *Il Giorno Delle Bainette* - Milano: Rizzoli Editore, 1980.

CARNEIRO Maria Luiza Tucci, Frederico Croci (Orgs) *Tempos de Fascismos, Ideologia- Intolerância- Imaginário*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo - Imprensa Oficial, Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2010.

HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo* - São Paulo: T.A. Queiroz, 1988.

SANTOS, Viviane Teresinha dos. *Italianos sob a mira da polícia política: vigilância e repressão no Estado de São Paulo. (1924 - 1945)*. São Paulo: Humanitas, 2008.

⁴¹ HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antonio Piccarolo em São Paulo* - São Paulo: T.A. Queiroz, 1988. P. 218 e 219

Imigração e violência: sociedades policiadas dos anos 20 e 30

Profa. Dra. Rosana Schwartz

A integração de prática de controle das populações trabalhadoras, no mundo ocidental, foi acirrada no início do século XX, com a Primeira Guerra Mundial, Revolução Russa e a fundação da Terceira Internacional em Moscou, nos anos 1918 e 1919.⁴²

Esse temor no Brasil atribuiu ao Estado o controle das polícias urbanas e da “inteligência” para a manutenção de uma sociedade organizada e moralmente disciplinada aos moldes das elites européias e norte-americanas.

A atividade policial se sofisticou, visando promover a “*ordem*” e o “*progresso*”, aos moldes do século XIX capitalista. Foram criados meios para a propagação dessa moralização e civilização da sociedade: a educação voltada para as massas.⁴³

Desde o século XVIII, já haviam sido sinalizados os processos de internacionalização do trabalho e do capital, por meio de acordos bilaterais, para a extradição de indivíduos considerados pelo sistema de criminosos (a extradição só existia e era praticada para crimes de deserção, políticos ou religiosos.). A França celebrou inúmeros tratados que garantiam a um outro Estado o exercício de seu direito

⁴² CANCELLI, Elizabeth. *De uma sociedade policiada a um Estado policial: o circuito de informações das polícias nos anos 30*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003.

⁴³ STORCH, Robert D. *O policiamento na cidade vitoriana*. São Paulo, Revista Brasileira de História, vol. 5 No 8/9, abril de 1985.

punitivo; no final do século XIX e início do século XX, este tipo de acordo proliferou. Em 1946, foi instituída a extradição formalmente para crimes políticos. Os acordos bilaterais de expulsão foram concretizados, assim como a assinatura de tratados, a troca de informações e a organização e reorganização entre as polícias sobre crimes, criminosos e organizações políticas.

A Comissão Internacional de Polícia Criminal, teve seu embrião em Viena, na década de 20 e o jogo político-repressivo ganhou forças com a nova sistemática de relações internacionais das instituições de controle e repressão.⁴⁴ O controle era realizado, tanto para crimes comuns, quanto de cunho político.⁴⁵

Um dos trabalhos mais relevantes dessa Comissão consistia em viabilizar os mandatos de captura e ordem de prisão para estrangeiros suspeitos de agitação política, nos países membros.

*Em 1934, já eram 34 os países-membro da Comissão Internacional de Polícia Internacional, e até 1938, quando estoura a Guerra na Europa e a sede da Comissão transfere-se para Berlim, há assembleias gerais das polícias quase que anualmente, sem mencionar o fato de que se inaugura, em 1927, a rede radiográfica autônoma da Comissão, com banda de frequência para uso dos serviços internacionais da polícia gentilmente concedida pela Conferência Mundial de Radioeletricidade de Washington.*⁴⁶

A organização das polícias era de interesse das elites que visavam, não apenas ao controle do crime comum, mas a tudo aquilo que fosse entendido como crime contra o Estado, as instituições e a política.

⁴⁴ PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. p. 23

⁴⁵ MORAES, Denis. *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947- 1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994. p.10.

Dessa forma, as polícias criaram um serviço essencial de busca de “*suspeitos*”, em várias partes do mundo ocidental. Entre essas polícias, a Italiana se destacou com um serviço sofisticado de fotografia criminal internacional e com a centralização de informações, de material biográfico referente aos criminosos políticos nos países onde existiam italianos imigrantes.⁴⁷

O Brasil, com a credibilidade de modernização, desde o início do século XX, e com o recebimento de grandes levas de imigrantes, em vários períodos, entrou na dinâmica desse mundo contemporâneo ocidentalizado, compartilhando do mesmo sistema de símbolos e jogos.

Sob este prisma, os grandes centros urbanos brasileiros viveram tensões, entre a camada de trabalhadores nacionais e estrangeiros, dentro e fora das fábricas, com suas organizações de ajuda mútua, associações de bairros, clubes e a elite conservadora. Na cidade de São Paulo, a industrialização trouxera, não só o mundo dos operários, dos imigrantes, das fábricas, das importações e exportações, das estradas de ferro, mas o universo das greves, das manifestações dos trabalhadores e, conseqüentemente, do controle social da repressão.⁴⁸

O Brasil, como signatário do convênio internacional das polícias sul-americanas de (1905 e 1920), recebeu a Missão Francesa, para instruir a Força Pública

⁴⁶PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros: memória e história do PCB*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995. p. 27

⁴⁷ CANCELLI, Elizabeth. *De uma sociedade policiada a um Estado Policial: o circuito de informações das polícias nos anos 30*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 47.

⁴⁸ STORCH, Robert D. *O policiamento na cidade vitoriana*. São Paulo, Revista Brasileira de História, vol. 5 n. 8/9, abril de 1985. p.4.

do Estado de São Paulo. O objetivo do convênio era a troca de informações sobre os indivíduos anarquistas, socialistas e comunistas dos países membros dos convênios.⁴⁹

A presença maciça de imigrantes italianos, portugueses, espanhóis entre outros, no Brasil, e o trânsito dos mesmos no Cone Sul abriram a possibilidade de instaurar o aparato repressivo pelas polícias. Acreditavam que as lideranças sindicais circulariam entre o Brasil e os países da América do Sul, Norte e Europa, possibilitando o desequilíbrio dos objetivos políticos da elite, que necessitava disciplina do trabalhador na fábrica reproduzida na vida cotidiana, para se atingir o progresso.⁵⁰ A casa refletira a organização da fábrica: limpo e disciplinado com funções determinadas para cada ambiente e para cada elemento da família.

O interesse em sistematizar o controle das polícias e das esferas de influências das nações estava sendo desenvolvido pelo poder judicial no início do século; contudo, em 1909, o Brasil assinou os tratados de extradição e de treinamento policial com a Austria-Hungria, Alemanha, França, Estados Unidos, Espanha, Itália, Portugal, entre outros, para controlar as manifestações dos trabalhadores.⁵¹ As polícias deveriam identificar, controlar, cadastrar os desordeiros e, em seguida, aprender a colher as informações.

A França participou desta dinâmica através do envio da Missão Militar francesa ao Brasil, ao Uruguai, e ao Peru. A Alemanha reorganizou a polícia Argentina, a Chilena e a

⁴⁹ CANCELLI, Elizabeth. *De uma sociedade policiada a um Estado Policial: o circuito de informações das polícias nos anos 30*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 21.

⁵⁰ CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: O estado policial na era Vargas (1930-1945)*. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em História, Campinas, UNICAMP- 1991. p. 78.

⁵¹ STORCH, Robert D. *O policiamento na cidade vitoriana*. São Paulo, Revista Brasileira de História, vol. 5 n. 8/9, abril de 1985. p.7

*Boliviana. E, em 1927, a Itália enviou uma missão militar para treinar a polícia equatoriana.*⁵²

As ações dessas missões significavam, não só a interação policial e o treinamento de policiais por convênios e comissões, mas também a comercialização de material bélico.⁵³

*A partir da segunda década do século XX, o Departamento de Guerra dos Estados Unidos desenvolveu um trabalho mais sistemático para a internacionalização policial e acabou por estabelecer as polícias do Haiti (1915), República Dominicana (1916), Panamá (1918) e Nicarágua (1927)B. Era um esforço que o mundo ocidental iniciava para a organização de relações internacionais que permitiriam, daqui para frente, um forte tipo de controle e repressão.*⁵⁴

Nas primeiras décadas do século XX, esse aparato repressivo investigou grupos diferentes de anarquistas, os vitoriosos da Revolução de Outubro de 1917 e socialistas, pois esse grupo na cidade de São Paulo traziam pânico para as elites da sociedade brasileira recém- industrializada e modernizada.

A política dos anarquistas ecoava no mundo ocidental, justificando a criação da Colônia Penal de Clevelândia, as perseguições policiais e expulsões dos anarquistas no Brasil.⁵⁵

⁵² CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: O estado policial na era Vargas (1930-1945)*. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em História, Campinas, UNICAMP- 1991. p. 82.

⁵³ CANCELLI, Elizabeth. *De uma sociedade policiada a um Estado Policial: o circuito de informações das polícias nos anos 30*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 53.

⁵⁴ CANCELLI, Elizabeth. *De uma sociedade policiada a um Estado Policial: o circuito de informações das polícias nos anos 30*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 63.

⁵⁵ CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: O estado policial na era Vargas (1930-1945)*. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em História, Campinas, UNICAMP- 1991. p. 57..

As greves de 1907 em Iquique, no Chile; a prisão de Sacco e Vanzetti nos Estados Unidos, em 1920, são exemplos que denotavam a preocupação dos vários Estados em neutralizar a ação das esquerdas, e dos anarquistas em particular, através da ação policial e de seu serviço de informações.⁵⁶

A vitória da Revolução Soviética se apresentou para a elite de São Paulo, como o grande “perigo das esquerdas,” avançando com suas propostas de revolução mundial.

Ao mesmo tempo em que a ideologia comunista se expandia e influenciava as organizações políticas e de trabalhadores e os liberais tornavam-se mais intransigentes com as propostas políticas de esquerda, Mussolini assumia o poder em 1922 na Itália; o marechal Józef Pilsudski, em 26 na Polônia; Mustafá Kemal Atatürk, em 23 na Turquia; e Augustinas Voldemaras, em 1926, na Lituânia. Getúlio dava seu golpe no Brasil, em 1930, Hitler ascendia na Alemanha em 33, Salazar em Portugal, Franco na Espanha, a Klu Klux Klan explodia nos Estados Unidos, etc.⁵⁷

No Brasil dos anos 30, da Era Vargas, uma proposta política de enfrentamento político-ideológica conservadora contra os anarquistas, socialistas e comunistas se estruturava a cada dia, utilizando a violência como instrumento político, pois estava enraizado nas ações governamentais um liberalismo autoritário e excludente advindo da Velha República.⁵⁸

⁵⁶ STORCH, Robert D. *O policiamento na cidade vitoriana*. São Paulo, Revista Brasileira de História, vol. 5 n. 8/9, abril de 1985. p.5.

⁵⁷ STORCH, Robert D. *O policiamento na cidade vitoriana*. São Paulo, Revista Brasileira de História, vol. 5 n. 8/9, abril de 1985. p.8.

⁵⁸ CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência: o Estado policial na era Vargas (1930-1945)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, 1991. p. 175.

Essa violência se intensificava e se tornava especializada durante esse período, tanto pelos países capitalistas europeus e norte-americanos, com o objetivo de combate ao comunismo no mundo, como no Brasil.

Além do rechassamento de toda a ideologia liberal, considerada obsoleta, individualista e geradora de desigualdades, o governo brasileiro gerenciou socialmente a insuflação do ódio e da perseguição aos comunistas. Este foi um dos fatores fundamentais a permitir a disciplinarização da sociedade brasileira que deveria, segundo o novo modelo político, obedecer aos ditames de um Estado moderno e totalitário.⁵⁹

Surgia dessa forma, de dentro de uma sociedade policiada até os anos 1930, um “Estado Policial”, organizado de acordo com as estratégias internacionais, na qual as trocas de informações, assinaturas de tratado eram pontos chave.⁶⁰

Em 1931, os americanos iniciaram um período de estreitamento de laços com o Brasil, para reprimir os comunistas e anarquistas considerados “*politicamente indesejáveis*”. O registro da American Civil Liberties Union afirma:

nos três primeiros meses daquele ano, "houve um total de 930 prisões envolvendo casos de liberdade de expressão, excedendo o total de qualquer ano inteiro de 1921 a 1929 .⁶¹

A polícia do Distrito Federal, (comandada por Filinto Muller) com ajuda dos americanos, conseguiu prender Harry Berger e Eliza Ewert (Elisa Sabo ou Machla Lenczycki), e no ano de 1936, além de enviar agentes aos EUA, cedeu secretamente, ao

⁵⁹ STORCH, Robert D. *O policiamento na cidade vitoriana*. São Paulo, Revista Brasileira de História, vol. 5 n. 8/9, abril de 1985. p.8.

⁶⁰ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

⁶¹ TOLEDO, Edilene. *O amigo do povo: grupo de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Mestrado em História apresentado ao programa de pós-graduação da UNICAMP, IFCH, 1996. p. 124.

Departamento de Estado americano, cópias de algumas fichas sobre atividades subversivas no Brasil, escritos em português e alemão.⁶²

*O capitão Affonso Henrique Miranda Correa seguiu para os Estados Unidos nos primeiros meses de 1937. O capitão Francisco Julian, subordinado de Correa, mas responsável pela prisão de Luis Carlos Prestes e Olga Benário, recebeu um convite para visitar os departamentos de polícia de Chicago e Washington, e a Academia do FBI.*⁶³

Em 1938, aconteceu a troca de recursos humanos, empréstimos de especialistas para ensinar técnicas de repressão, possibilitando o envio do agente do FBI ao Brasil.⁶⁴

Internacionalmente, as relações policiais intensificaram-se de tal maneira, que Felinto Muller agregou policiais estrangeiros por meio de uma série de acordos, como o realizado com o governo britânico. Os ingleses colaboravam discretamente com a polícia brasileira, passando informações acerca de atividades comunistas, na América do Sul e do Norte.

*Em 1935, no jornal "A Manhã" aparecia a nota de que havia sido o Serviço Secreto britânico quem dera informações sobre a tentativa de golpe dos comunistas. Criou-se com isso um mistério em torno do assunto. Londres escrevia ao embaixador inglês, R. Gurney, que não via qualquer objeção em parabenizar os brasileiros pelo controle do golpe comunista, mas dizia ao embaixador que o fizesse oralmente, já que "não pode ser inteiramente descartada a possibilidade que os revolucionários tentem novamente. Se eles vencerem o segundo round e tomarem o governo, poderá ser um pouco embaraçoso se acharem nossa mensagem nos arquivos (apesar deles saberem que alertamos o governo brasileiro, há alguns meses, que problemas estavam por vir)".*⁶⁵

⁶² BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

⁶³ ROMANI, Oreste *Ristori: uma aventura anarquista*. São Paulo, Annablume, 2002. p.10

⁶⁴ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

⁶⁵ TOLEDO, Edilene. *O amigo do povo: grupo de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Mestrado em História apresentado ao programa de pós-graduação da UNICAMP, IFCH, 1996. p. 123

Além da estreita relação com os Estados Unidos, Inglaterra, Alemanha e Itália, também existia uma aliança brasileira com os países do Cone Sul, como a Argentina, Bolívia, Peru e Uruguai. Em 1942, esses países assinaram um intercâmbio informal para troca de informações.⁶⁶

Esses intercâmbios seguiam as diretrizes das resoluções, recomendavam a necessidade de organizar "a defesa da sociedade e das instituições de cada Estado, contra o delito comum e de certas atividades ilícitas que podiam atingir o sistema capitalista."⁶⁷

*Existia a necessidade de comunicação recíproca, em forma direta, ou mediante os órgãos da União Pan-americana, de informações e dados acerca da entrada, não admissão e expulsão de estrangeiros para a proteção do capitalismo.*⁶⁸

Desta forma, operacionalizou-se um aparato de informações na América, além de um serviço intenso de vigilância. O Brasil triangulava informações vindas, tanto da América Latina, Estados Unidos e Europa.⁶⁹

A exemplo dessa triangulação, cita-se a colaboração dos serviços policiais no Cone Sul, no ano de 1937, quando o capitão Affonso Henrique Correa de Miranda se dirigiu a Buenos Aires, em missão especial, com o intuito de assinar um acordo com a

⁶⁶ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

⁶⁷ TOLEDO, Edilene. *O amigo do povo: grupo de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Mestrado em História apresentado ao programa de pós-graduação da UNICAMP, IFCH, 1996. p. 120

⁶⁸ CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência: o Estado policial na era Vargas (1930-1945)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, 1991. p. 177.

⁶⁹ TOLEDO, Edilene. *O amigo do povo: grupo de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Mestrado em História apresentado ao programa de pós-graduação da UNICAMP, IFCH, 1996. p. 128

Argentina de prevenção a *atos de terrorismo internacional*⁷⁰ e para ações conjuntas com a Polícia Política italiana. Essa polícia, entre 1927 e 1928, catalogou uma significativa relação de nomes de imigrantes e parentes italianos no Brasil, principalmente de São Paulo, suspeitos de envolvimento de esquerda.⁷¹

Essas triangulações eram realizadas com o objetivo de procurar ligações entre os comunistas brasileiros e italianos e antifascistas nos dois países. Roma ficava com uma cópia de cada correspondência enviada do Brasil à Itália.⁷² A Embaixada Italiana fazia a vigilância policial e remetia relatórios à Roma.

As informações vinham de pequenas localidades, como Poços de Caldas, ou de grandes centros, como São Paulo. Em 22 de março de 1928, por exemplo, relatou o encontro de uma seção do Partido Republicano Italiano, realizada no dia 19 na casa de um certo Maurelli, na Rua Boa Vista, na capital paulista. O relato, além de denunciar a presença do Prof. Picarollo, apresenta toda a estratégia do grupo em relação ao trabalho antifascista. São citados como antifascistas em São Paulo, Silvio Lodi, Cesare Bernacchia, Luigi Ottobrini, Angelo Cianciosi, Francisco Barone, Arturo Centini, Conte Frola, Frisciotti, Finocchiaro e Michele Gatti. Na época, o principal informante italiano era um repórter do jornal "O Estado de São Paulo", Meucci.⁷³

Poucos meses após a Revolução de 1930, com o estreitamento das relações policiais Brasil-Itália, a polícia brasileira intensificou o fornecimento de informações

⁷⁰ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

⁷¹ CANCELLI, Elizabeth. *O Mundo da Violência: o Estado policial na era Vargas (1930-1945)*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História, Campinas, 1991. p. 178

⁷² Archivio Storico. Polizia Política - Fascicoli 172. Relatório para o Chefe de Polícia. Roma, 11 de fevereiro de 1930.

⁷³ Archivio Storico. Fascicoli 172, ofício da Direzione Generale della Publica Sicurezza ao Prefeito de Roma, aos Ministérios da Justiça, Relações Exteriores, Finanças, Comunicações, Corporações, ao Comando do Exército, Milícia e Guarda Real de Finanças, à Direção Geral do Banco da Itália, à Divisão de Polícia e à divisão de Polícia de Fronteira e Transporte, em 21 de agosto de 1930

para a repressão, e o governo italiano aceitou o pedido do governador de São Paulo para obter informações detalhadas da organização da Milícia Voluntária Fascista.⁷⁴

O jornal "O Globo" estampou com grande destaque a denúncia de Maurício de Medeiros, de que haveria uma cláusula secreta entre Brasil e Itália, onde o Brasil empenhava-se em expulsar sumariamente de seu próprio território, e a conselho da Itália, os italianos indicados pelo governo fascista. Era decisão de Mussolini "jogar um papel importante na luta contra a propaganda comunista no mundo todo. Por isso, já havia sido iniciado em Roma um trabalho de organização neste sentido."⁷⁵

A repressão política policial firmada entre os dois países, em 28 de novembro de 1931, previa a "extradição de seus próprios cidadãos italianos" se assim fosse necessário para se manter a ordem⁷⁶. Tanto para brasileiros, como para italianos, era fundamental a estratégia de ação e controle contra os anarquistas, socialistas e comunistas.⁷⁷

E com tentativa de golpe comunista, idealizada por Luiz Carlos Prestes e Harry Berger, os italianos afirmaram em relatório que "existia agora uma potência, o Brasil, em perigo de bolchevização."

Avolumam-se as informações trocadas entre as nações capitalistas justificando assim, para as elites, a triangulação de informações, a cooperação entre países com projetos políticos capitalistas e o combate ferrenho aos comunistas.

⁷⁴ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

⁷⁵ STORCH, Robert D. *O policiamento na cidade vitoriana*. São Paulo, Revista Brasileira de História, vol. 5 No 8/9, abril de 1985.

⁷⁶ TOLEDO, Edilene. *O amigo do povo: grupo de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Mestrado em História apresentado ao programa de pós-graduação da UNICAMP, IFCH, 1996. p. 131.

⁷⁷ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

Com a organização no Brasil de um serviço de propaganda anticomunista, nos anos 30, para ser divulgado em todos os Estados, o governo italiano passou a enviar ao gabinete do chefe de polícia, Filinto Muller, qualquer espécie de material de propaganda que pudesse ser utilizado contra os comunistas⁷⁸. Esse material deu origem aos arquivos italianos, com relatos das ações desses grupos, seus pensamentos, estratégias e as características da ideologia que estava ganhando terreno no Brasil.⁷⁹

Em 1937, a Direção Geral de Assuntos Transoceânicos, em Roma, autorizou as autoridades italianas a comunicarem "qualquer notícia que tivessem a respeito do complô comunista".

O Brasil estaria interessado em fazer um acordo com a Itália para combate ao comunismo e outras ideologias de esquerda. As relações entre as polícias do Brasil e Itália estavam tão próximas, que o capitão Affonso Henrique Miranda Correa, o mesmo que fora enviado à Argentina e Estados Unidos, recebeu a Cruz de Cav. Uff. da Coroa Italiana, quando secretamente foi à Itália para contatos com a Direção Geral de Segurança Pública, com a finalidade de incrementar a luta anticomunista.⁸⁰

A luta anticomunista era um elo entre os dois países. Os italianos condecoraram os brasileiros pelos serviços prestados, com o desígnio de estreitar laços de cooperação. Felinto Muller recebeu a Croce Corona d'Itália, em outubro de 1941, juntamente com Gustavo Capanema, ministro da Educação, Francisco Campos, ministro da Justiça, Frederico Barros Barreto, presidente do Tribunal de Segurança Nacional, Ernanni Reis, diretor geral do Ministério da Justiça.⁸¹

⁷⁸ STORCH, Robert D. *O policiamento na cidade vitoriana*. São Paulo, Revista Brasileira de História, vol. 5 No 8/9, abril de 1985.

⁷⁹ TOLEDO, Edilene. *O amigo do povo: grupo de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Mestrado em História apresentado ao programa de pós-graduação da UNICAMP, IFCH, 1996. p. 129

⁸⁰ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

⁸¹ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

O Brasil integrou-se e selou sua parceria com o espírito internacional de repressão das polícias, definitivamente após a entrega de Olga Benário e Elisa Ewert, por Getúlio Vargas, ao serviço secreto alemão e quando Berger e Eliza Ewert foram presos. A polícia brasileira entregou seus prontuários também para os agentes alemães e do FBI, Itália e Inglaterra.⁸²

O pacto entre essas polícias era bastante objetivo e violento, apresentando:

*a troca, entre as polícias alemã e brasileira, de conhecimento em geral contra o comunismo, anarquismo e outras ideologias contrárias ao Estado; intercâmbio de material, informações e provas sobre comunismo e outras ideologias contrárias ao Estado. Vigilância mútua para esclarecimento de ações de comunistas, anarquistas, etc.; trabalho, mútuo fora do Brasil e da Alemanha; encaminhamento de idéias sobre a ação dos policiais para o combate e possível execução de comunistas, anarquistas etc.*⁸³

Não obstante, com a assinatura do Pacto Anticomintern entre o Japão e a Alemanha, em 1936, com a política do Eixo Roma-Berlim e Guerra Espanhola, as forças militares começariam agora a ser outro elo de entre as nações. O Comitê Consultivo de Emergência para a Defesa Política, com sede em Montevideú, serviria desde abril de 1942, como centro de coordenação da defesa das Repúblicas Americanas;⁸⁴ sob o mesmo prisma, o SIS (Serviço Especial de Inteligência do FBI)

⁸² TOLEDO, Edilene. *O amigo do povo: grupo de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*. Mestrado em História apresentado ao programa de pós-graduação da UNICAMP, IFCH, 1996. p. 133

⁸³ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo*. Cadernos AEL, n 8/9. 1998. p. 117-147.

⁸⁴ BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)*, Unicamp, IFCH, 2002. p. 74..

faria serviços de troca de informações. E, no Brasil, em 1942, os militares engajaram-se, juntamente com a polícia, rumo ao controle de informações. O Serviço Especial de Inteligência chegou a cooperar com o DEOPS paulista, no interrogatório de suspeitos de espionagem.

A partir desse momento, os relatórios sobre autoridades latino-americanas passaram a ser mais completos, e os acordos entre as polícias incorporaram os militares, sob o argumento da necessidade de controle, em virtude do conflito mundial.

A questão militar seria a mais relevante. A repressão integrada e a cooperação internacional das polícias seriam alimentadas por inimigos interno e externo, durante a Guerra Fria representados por socialistas e os comunistas.

Os socialistas italianos circularam e atuaram em diferentes tipos de associações, desde grupos políticos, sindicato, círculo recreativo, cooperativas de consumo e de produção, as associações étnicas e as sociedades de socorro mútuo.⁸⁵

As sociedades mutualistas italianas de São Paulo atuavam nas greves, e em geral na criação de uma difusa rede de solidariedade e sociabilidade, para desconstruir as velhas idéias de um mutualismo étnico fechado sem nenhuma relação com as outras organizações dos trabalhadores.⁸⁶

⁸⁵ BIONDI, Luigi. *Anarquistas italianos em São Paulo. Cadernos AEL*, nº 8/9. (*Anarquismo e Anarquistas*), 1998, pp. 117-147. A bibliografia sobre o anarquismo em São Paulo durante a primeira república é muito extensa, destacando-se os trabalhos de Sheldon Leslie Maram, *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro, 1890-1920*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979 ; Edilene Toledo, *O Amigo do Povo : grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*, mestrado. Unicamp, IFCH, 1993 ; Isabelle Felici, *Les italiens dans le mouvement anarchiste au Brésil. 1890-1920*, doctorat. Paris III, 1994 ; Christina da Silva Roquette Lopreato, *O espírito da revolta : a greve geral anarquista de 1917*. doutorado. Unicamp, IFCH, 1996 ; Carlo Romani, *Oreste Ristori : uma aventura anarquista*. São Paulo, Annablume, 2002

⁸⁶ BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo (1890-1920)*, Unicamp, IFCH, 2002. p. 75.

Na Europa, antes de 1918, a força dos partidos ligados à *II Internacional* mantinham-se em seu território unidos em primeiro lugar, pelas ligas operárias de ofício e, depois, pelas sociedades de socorro mútuo e cooperativas, criando uma tríade, característica no caso italiano, que esteve presente em São Paulo, porém com algumas diferenças.⁸⁷

O Partido Socialista Italiano, até 1912-13, era pequeno até o advento do sufrágio universal masculino na Itália, que proporcionou o aumento da militância política e das filiações ao Partido. A idéia do partido de massa com muitos filiados só se concretizou na Itália depois da Primeira Guerra Mundial, após o fascismo e a Segunda Guerra Mundial.⁸⁸

Durante três décadas, várias cidades de médias dimensões do Estado de São Paulo chegaram a ter pelo menos um grupo de socialistas ligados ao núcleo central de São Paulo.⁸⁹

Os socialistas italianos mantinham relação com o sindicalismo e as ligas de ofício e estiveram presentes na maioria dos processos organizativos dos trabalhadores em São Paulo, chegando a liderar alguns movimentos e a compartilhar da direção e organização com os anarquistas ou sindicalistas revolucionários.

A partir de 1890, fundaram as ligas sindicais na cidade de São Paulo; porém, entre 1898 e 1903, participaram da organização das ligas de resistência e de todo tipo

⁸⁷ Idem, op cit, p. 43.

⁸⁸ TOLEDO, Edilene. *Travessias revolucionárias*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. p.77

⁸⁹ MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979 .p.32.

de ação sindical, desde as greves, conflitos de trabalho, até a elaboração dos estatutos e a vida associativa geral dos sindicatos.⁹⁰

A rede organizativa dos socialistas da qual faziam parte diversos grupos de trabalhadores italianos, além das participações nos sindicatos, ligas e associações, conseguiram, entre 1902 e 1908, organizar e publicar um Jornal Diário Socialista, em língua italiana o *Avanti !*, (com tiragens de mais de oito mil cópias) que se tornaria um importante veículo propagador das idéias socialistas.⁹¹

Os operários e artesãos, filiados a essas redes, reconheciam-se no *Centro Socialista* e nos vários grupos de socialistas italianos que tinham surgido nos vários bairros paulistanos, mas sobretudo no grupo editor do jornal *Avanti !* de São Paulo, o que permitiu sua rápida transformação em jornal diário.⁹²

Líderes sindicalistas, como Giulio Sorelli e Alceste De Ambris, eram filiados aos Centros Socialistas Paulistanos, nas primeiras décadas do século XX, e sua formação sindical aconteceu paralelamente à atividade política socialista e nas sociedades de socorro mútuo.⁹³

A presença de trabalhadores especializados e de mulheres filiados em sindicatos merece destaque, como o dos tecelões e tecelãs (com diversas mulheres na direção). Esta atividade organizativa proporcionou um aumento considerável dos trabalhadores sindicalizados, ultrapassando a proporção que foi encontrada na

⁹⁰ TOLEDO, Edilene. *O Amigo do Povo : grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século*, mestrado. Unicamp, IFCH, 1993. p 95.

⁹¹ *Cadernos AEL*, n° 8/9. (*Anarquismo e Anarquistas*), 1998, pp. 117-147.

⁹² LOPREATO, Chistina da Silva. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação - IFCH - UNICAMP, Campinas 1996. p.37

⁹³ ROMANI. Carlso. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista em São Paulo*, Annablume, 2002.

Argentina de 1904 (modelo usual de comparação na historiografia, sobre o movimento operário brasileiro.

Existiam fortes paralelismos com os mesmos processos ocorridos na Itália, onde o sindicalismo revolucionário surgiu em grande parte entre sindicalistas socialistas que não acreditavam mais na eficácia da luta parlamentar desenvolvida pelo PSI junto com sua atuação nas organizações sindicais.⁹⁴

Vale ressaltar que os trabalhadores ligados de várias formas aos grupos socialistas paulistanos desempenharam ações concretas de organização nos sindicatos, formaram a Federação Operária de São Paulo, com tendência à ação direta, o autonomismo sindical, mas não alteraram as atuações dos sindicalistas filiados aos Centros Socialistas Italianos de São Paulo, que continuavam tendo diretorias dominadas por militantes socialistas originários da Itália e com as ligas de ofício federadas, como a dos chapeleiros, a dos pedreiros, ou a dos tipógrafos⁹⁵.

Durante as greves de 1907, em São Paulo, os socialistas italianos, nos sindicatos e junto às sociedades mutualistas italianas, grupos de bairros políticos ou recreativos, conseguiram elaborar uma estratégia de resistência prolongada que as ligas de ofício, sozinhas, não teriam conseguido levar à frente. Existia um mundo associativo no qual uma multiplicidade de personagens e organizações se criava continuamente, e no qual havia uma interferência mútua.⁹⁶

No período 1909-1914, houve um enfraquecimento generalizado das organizações sindicais, mas os socialistas italianos enviaram, para o Brasil, alguns

⁹⁴ RIDOLFI, Maurizio. *II PSI e la nascita Del partito di mass:1892-1922*. Bari, Laterza, 1992.

⁹⁵ Instituto de Cultura libertária – ICAL, São Paulo, caderno 8. 1999.

⁹⁶ LOPREATO, Chistina da Silva. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação - IFCH - UNICAMP, Campinas 1996. p.55.

líderes sindicais socialistas da Itália, como Teodoro Monicelli, para organizar os trabalhadores de São Paulo. Esses novos militantes trouxeram novas experiências organizativas. Esses sujeitos históricos já na Itália tinham sido líderes locais de bolsas do trabalho, o que significava uma prática sindical experiente⁹⁷

Os efeitos dessa interferência foram visíveis na greve geral de 1917, na qual muitas das ações das lideranças militantes socialistas italianos de São Paulo foram decisivas conjuntamente com a dos anarquistas. A greve havia se desenvolvido num contexto em que ainda havia uma rede de diferentes tipos de organizações políticas, sindicais e mutualistas (mesmo enfraquecidas). Muitas ligas de ofício foram mantidas em vida, nos períodos de menor grau organizativo e de atividade grevista por militantes socialistas que nunca abandonaram a prática sindical de vida.⁹⁸

A greve de 1917 ocorreu em um contexto caracterizado pela forte etnicidade, onde a grande presença de trabalhadores italianos, isto é, imigrantes de uma nação em guerra, obrigados pelos empresários emergentes imigrados (ligados à ideologia nacionalista italiana e aos interesses envolvidos no conflito) a contribuir mensalmente e até semanalmente para os muitos comitês paulistanos que arrecadavam somas consistentes para o Estado italiano, agravou as péssimas condições trabalho daquele período e criou fraturas ainda mais profundas entre operários e empresários.⁹⁹

A atuação dos socialistas italianos permitiu adentrar na atividade das sociedades étnicas de socorro mútuo em São Paulo, voltado à defesa de interesses

⁹⁷ BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo – 1890-1920*, UNICAMP, IFCH, 2002.p. 27

⁹⁸ Encontram-se nos documentos oficiais dos sindicatos paulistanos do período Vargas (1930-45), carimbos das ligas de 1907 e alguns nomes de filhos de líderes sindicais da década de 1910 nos anos trinta e quarenta.

⁹⁹ LOPREATO, Chistina da Silva. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação - IFCH - UNICAMP, Campinas 1996. p.64.

beneficentes e ligado aos artesãos e comerciantes imigrados. Esse espaço associativo foi de fundamental importância para a realização de greves e para a organização sindical, fornecendo freqüentemente o apoio necessário à realização destes movimentos.¹⁰⁰

Nessas sociedades de socorro mútuo, não havia um nacionalismo forte, mas sim, um patriotismo de origem *mazziniana* e democrática, geradora de conflitos políticos no interior do mundo das associações dos italianos de São Paulo.¹⁰¹ Havia uma série de sociedades italianas de socorro mútuo, nas quais a predominância de sócios socialistas e republicanos as empurrava para uma natural colaboração com os grupos políticos e com os grêmios sindicais. As interseções entre elas eram comuns, pois muitos militantes socialistas eram membros de sociedades italianas de socorro mútuo e ocupavam cargos de direção nelas e nos sindicatos.¹⁰²

As associações de socorro mútuo ítalo-paulistas estavam ligadas aos socialistas por meio das posturas políticas e de uma visão da solidariedade operária que não excluía, ou que não temia o conflito de classe e exigia posicionamento explícito.

Vale ressaltar que essas comunidades imigradas não eram as mesmas da Itália, e diversas sociedades mutualistas expressavam, ao contrário, fidelidade ao monarquismo e ao governo italiano. Esses conflitos repercutiam dentro da comunidade

¹⁰⁰ BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo – 1890-1920*, UNICAMP, IFCH, 2002.p. 32

¹⁰¹ Idem, BIONDI, Ot Cit. p 15.

¹⁰² BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo – 1890-1920*, UNICAMP, IFCH, 2002.p. 38

italo-paulista, em períodos simbólicos, nos quais duas idéias de Itália se enfrentavam violentamente:

*O dia 20 de setembro podia ser o dia do fim do poder temporal da Igreja, mas, ao mesmo tempo, da unificação da Itália sob as bandeiras da monarquia. E muitos outros momentos como este criavam situações nas quais evidenciavam-se os conflitos políticos que dividiam (às vezes até no seu seio) sociedades democráticas e monarquistas.*¹⁰³

Em São Paulo, muitos processos foram próximos daqueles vividos na Itália na década de 1890, quando associações mutualistas profissionais se transformaram nos primeiros sindicatos e abandonaram gradualmente o socorro mútuo para dedicarem-se completamente à resistência aos conflitos trabalhistas.

*No caso paulista, em um ambiente de comunidades imigradas, este tipo de processo foi muito menos freqüente e o mútuo socorro prevaiente foi do tipo étnico pluriprofissional, ainda que não fosse isento de fortes conotações políticas.*¹⁰⁴

O estudo da relação entre política e mutualismo destacou a influência exercida pelos republicanos italianos nas associações políticas e mutualistas dos trabalhadores italianos, em São Paulo.¹⁰⁵

A participação sindical dos republicanos foi menos evidente, mas eles também atuaram de forma pontual nas ligas operárias e, sobretudo, deve ser destacado o papel que tiveram no apoio a todos os movimentos grevistas, manifestações que se direcionavam além das declarações de solidariedade.¹⁰⁶ Bem como estiveram presentes

¹⁰³ VECOLI, Rudolph. *Movimento operário e socialista*, XXII n 1-2, gennaio-giugno, 1976, pp153-167.

¹⁰⁴ Idem

¹⁰⁵ PASCAL, Maria Aparecida. *Portugueses em São Paulo: A face feminina da imigração*. São Paulo, Expressão e Arte, 2005.pp.-83-93.

¹⁰⁶ MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979 .p.47.

na organização de eventos comuns a militantes e sindicalistas de várias tendências, desempenhando um papel de união que permitia freqüentemente a realização de manifestações conjuntas com os socialistas e os anarquistas. A atividade dos republicanos italianos em São Paulo foi, de fato, inspirada sempre na colaboração com as outras forças políticas antimonarquistas, imitando à risca o que acontecia na Itália, no mesmo período.¹⁰⁷

Os *mazziniani* de São Paulo compartilhavam, com socialistas e anarquistas italianos, muitas experiências (das expressões de anticlericalismo à organização das ligas de resistência) já antes da emigração, sobretudo para aqueles militantes que vinham de regiões da Itália central onde os laços entre estes grupos eram muitos fortes na vida associativa, onde certas ações comuns, em determinados contextos, justificavam o esquecimento temporário das diferenças.¹⁰⁸

O problema da etnicidade caracterizou a participação da militância na política: a maioria dos militantes vinha das regiões da Itália central, da Emilia-Romagna e de algumas províncias da Lombardia, da Ligúria e do Piemonte. O maior número de militantes socialistas, republicanos, sindicalistas e anarquistas originaram-se de centros urbanos como a Emilia-Romagna e Toscana, e não das grandes cidades industriais da Lombardia, ou do Piemonte.¹⁰⁹

Sobre a questão étnica: a predominância do elemento italiano no mundo do trabalho paulista facilitou os processos de organização, pois um caso de difusão, em um território tão

¹⁰⁷ idem. MARAM, op cit., p 77

¹⁰⁸ BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo – 1890-1920*, UNICAMP, IFCH, 2002.p. 18

¹⁰⁹ MONTGOMERY, David, *The Fall of the House of Labor : The Work Place, the State, and American Labor Activism, 1865-1925*, Cambridge : Cambridge University Press, 1987. p. 23.

*grande, de grupos de socialistas Italianos, como o que ocorreu no Estado de São Paulo, não teve paralelo em nenhum outro país de imigração italiana. Por outro lado, limitou a transposição deste fenômeno a outras realidades. A criação de um partido socialista que ultrapassasse a fronteira étnica foi o maior obstáculo que os militantes socialistas italianos enfrentaram. Além de alguns pouquíssimos profissionais liberais brasileiros, os grupos socialistas paulistas eram o espelho dos mesmos grêmios do PSI que estavam na Itália. Falar de socialismo no Estado de São Paulo significava falar de imigrantes italianos politizados.*¹¹⁰

O militante italiano da cidade de São Paulo era um operário ou um artesão cuja militância já tinha começado antes de emigrar, nas pequenas e médias cidades da Itália central, nas quais já haviam criado condições para a ação política, em sociedades de socorro mútuo, sindicatos e nos grupos socialistas, anarquistas ou republicanos.

Os italianos do Sul não eram engajados em militâncias políticas, pois o Centro e o Noroeste da Itália tinham uma prática organizativa enraizada.

*Embora as características de etnicidade, que tinham marcado o movimento associativo paulista (e paulistano, em particular), tivessem diminuído gradualmente a partir de 1913-14, por diversos fatores externos e internos, as organizações formadas por imigrantes italianos, ou que tinham como membros uma grande maioria de militantes originários da Itália, ainda predominaram substancialmente, ao menos até o final dos anos vinte.*¹¹¹

O partido socialista brasileiro criado em 1902 era uma espécie de federação do PSI no Brasil e, por muitos anos, foi identificado como Federação do Estado de São Paulo. Era uma parte do partido brasileiro.

¹¹⁰ BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo – 1890-1920*, UNICAMP, IFCH, 2002.p. 18

¹¹¹ Como, por exemplo, diminuição dos fluxos migratórios de entrada, aumento dos fluxos de saída, crescimento da migração interna no Estado de São Paulo, entrada de filhos de imigrantes - sobretudo

O movimento socialista constituía uma grande planta exótica, muito bem adaptada e difusa no território paulista, mas substancialmente sem possibilidade de crescer de forma política, na arena eleitoral; o nó da naturalização denotava o ponto que, a cada um ou dois anos, os grupos socialistas, junto com as sociedades italianas de socorro mútuo e os republicanos italianos de São Paulo, pressionavam o governo italiano para que permitisse a obtenção da dupla cidadania, a fim de possibilitar a participação nas eleições; contudo, as respostas eram sistematicamente negativas. A naturalização era a única via para o poder via voto, o que provocou o interesse pela cidadania brasileira.

Apesar da impossibilidade de participar das eleições muitos apoiavam candidaturas, como a de Celso Garcia pelos italianos. A Federação Socialista de São Paulo composta por núcleos socialistas organizava os trabalhadores ítalo-paulistas e permitia concentrar a atividade dos militantes em grupos que coordenavam manifestações, propagandas eleitorais para alguns candidatos brasileiros próximos ao *Centro Socialista Internazionale*, bem como greves e arrecadação de fundos para os sindicatos, ações conjuntas com as sociedades mutualistas, nos bairros populares de São Paulo.¹¹²

O longo período de repressão que acompanhou a greve geral de 1917, em São Paulo e na década de 1920, não impediu as formas de expressão e organização dos socialistas e anarquistas italianos na cidade, assim como, nas manifestações e na

italianos - nos locais de trabalho, e, portanto, no mundo associativo político, sindical e mutualista a estes ligado.

¹¹² BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo – 1890-1920*, UNICAMP, IFCH, 2002.p. 127

abertura das festas operárias, cantar o *Inno dei Lavoratori*, hino oficial do PSI, escrito por Filippo Turati:

Su fratelli, su compagne,/ su, venite in fitta schiera:/ sulla
libera bandiera/ splende il sol dell'avvenir.
Nelle pene e nell'insulto/ ci stringemmo in mutuo patto,/ la
gran causa del riscatto/ niun di noi vorrà tradir.
Il riscatto del lavoro/ dei suoi figli opra sarà:/ o vivremo del
lavoro/ o pugnando si morrà.
La risaia e la miniera/ ci han fiaccati ad ogni stento/ come i
bruti d'un armento/ siam sfruttati dai signor.
I signor per cui pugnammo/ ci han rubato il pane,/ ci han
promessa una dimane:/ la dima si aspetta ancor.
Il riscatto del lavoro/...
L'esecrato capitale/ nelle macchine ci schiaccia,/ l'altrui solco
queste braccia/ son dannate a fecondar.
Lo strumento del lavoro/ nelle mani dei redenti/ spenga gli
odii e fra le genti/ chiami il dritto a trionfar.
Il riscatto del lavoro/...
Se divisi siam canaglia,/ stretti in fascio siam potenti;/ sono il
nerbo delle genti/ quei che han braccio e che han cor.
Ogni cosa è sudor nostro,/ noi disfar, rifar possiamo;/ la
consegna sia: sorgiamo/ troppo lungo fu il dolor.
Il riscatto del lavoro/...
Maledetto chi gavazza/ nell'ebbrezza dei festini,/ fin che i
giorni un uom trascini/ senza pane e senza amor.
Maledetto chi non geme/ dello scempio dei fratelli,/ chi di
pace ne favelli/ sotto il pie dell'oppressor.
Il riscatto del lavoro/...
I confini scellerati/ cancelliam dagli emisferi;/ i nemici, gli
stranieri/ non son lungi ma son qui.
Guerra al regno della Guerra,/ morte al regno della morte;/
contro il dritto del del più forte,/ forza amici, è giunto il dì.
Il riscatto del lavoro/...
O sorelle di fatica/ o consorti negli affanni/ che ai negrieri, che
ai tiranni/ deste il sangue e la beltà.
Agli imbelli, ai proni al giogo/ mai non splenda il vostro riso:/
un esercito diviso/ la vittoria non corrà.
Il riscatto del lavoro/...
Se eguaglianza non è frode,/ fratellanza un'ironia,/ se pugnar
non fu follia/ per la santa libertà;
Su fratelli, su compagne,/ tutti i poveri son servi:/ cogli ignavi
e coi protervi/ il transigere è viltà.
Il riscatto del lavoro/...

Segundo o anarquista Luigi Damiani, que participou das manifestações e greves do início da década de XX, o grau de organização do movimento socialista e anarquista italiano era grande, porque muitos trabalhadores imigrados tinham criado laços comunitários e de parentesco em São Paulo, motivo que os levou a não desejar mais o retorno à Itália. Fato que provocou uma nova fase nos processos de formação tão complexa população paulistana, no âmbito popular, de miscigenação e integração, assim como um aumento da participação nas associações operárias em São Paulo.¹¹³

Contudo, um dos mecanismos utilizados pelas polícias daquela época a expulsão dos militantes estrangeiros, a declaração de estado de sítio, o fechamento dos sindicatos, dos grupos políticos e dos jornais operários, limitava a participação mais intensa dos jovens operários nas associações e sindicatos, entre 1917 e 1921.¹¹⁴

Esses imigrantes italianos engajados na política interferiram, de forma significativa, na cidade, que não era mais evidentemente a mesma da década de 1900, depois das manifestações, organizações de associações de socorro mútuo, sindicatos, e novos eventos (sobretudo a guerra e os ecos da revolução na Rússia).¹¹⁵

Alguns estatutos de ligas operárias do período posterior à greve de 1917, embora declarassem explicitamente seu autonomismo político e sua pertença ao sindicalismo de ação direta (destacando, ao mesmo tempo, sua distância do mutualismo e da beneficência), não desprezavam completamente a possibilidade de obter para sua categoria, ou para a liga em si, direitos políticos e legais, mostrando a predominância de doutrinas sindicalistas revolucionárias na elaboração de seus estatutos, e uma influência dos membros socialistas. Além disso, diversas ligas que apareceram (ou se reorganizaram) em 1918-19, quando houve uma verdadeira

¹¹³ DAMIANI, Luigi, *I paesi nei quali non si deve emigrare. La questione sociale nel Brasile*, Milano, Edizioni di « Umanità Nova », 1920. Damiani foi expulso do Brasil no final de 1919.

¹¹⁴ *Avanti !*, 2ª série, de 1919.

¹¹⁵ *Avanti !*, 2ª série, de 1919.

onda de reuniões sindicais voltadas à aprovação de novos estatutos (a partir da reabertura das ligas em abril de 1918, a legislação as obrigava a depositar os estatutos nos cartórios, sob pena de fechamento imediato), Muitas faziam suas reuniões no salão Celso Garcia, assim chamado em homenagem ao vereador paulistano morto em 1908, que esteve sempre muito próximo do Centro Socialista Internazionale.¹¹⁶

O jornal *Avanti!* de São Paulo retomou as publicações após dois anos de interrupção, devido à censura imposta em 1917 e ao estado de sítio decorrente da greve geral; o grupo editor havia declarado que o objetivo do jornal era apoiar as organizações operárias locais na luta contra todo tipo de opressão. A maioria dos artigos refere-se aos sindicatos, à repressão geral e às expulsões realizadas após a explosão da Rua João Boemer, episódio no qual morreram dois anarquistas e que deu à polícia paulista a oportunidade para o início de uma nova onda de expulsões. Além dessas questões, outro dos dois objetivos que os redatores do *Avanti!* de São Paulo declararam, no dia da retomada da publicação, era:¹¹⁷

Defender e difundir a postura intransigente e revolucionária do partido socialista italiano. A última página do novo número foi dedicada quase inteiramente a ilustrar o programa maximalista do PSI, que, lembramos rapidamente, adaptava para a situação italiana as estratégias experimentadas na Rússia: em suma, abandonava muitas das bases socialdemocratas do modelo do socialismo alemão, nas quais o PSI tinha sido criado, e sobre as quais tinha se desenvolvido ao longo de quase trinta anos.¹¹⁸

¹¹⁶ *Estatuto da Liga Operária da Construção Civil*, São Paulo, 1919. considerações finais - Aos operários », pp. 15-16. Ver também *Estatuto da Liga dos Trabalhadores do Brás e Belenzinho*, São Paulo, c. 1917, o *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, onde os estatutos sindicais (ainda que, na maioria dos casos, em forma resumida) começam a aparecer com frequência somente a partir de 1918. O *Combate* dos anos 1918 e 1919 caderno de 25-4-1918, p. 3 e os poucos números ainda existentes de *Avanti!*, 2ª série, de 1919 .

¹¹⁷ FIDELLI, Ugo Fedeli & DAMIANI, Gigi : *note biografiche. Il suo posto nell'Anarchismo*. Cesena, Antistato, 1954 e BEIGUELMANN, Paula *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo, Símbolo, 1977

¹¹⁸ *Avanti!*, 2ª série, n 166, 21-10-1919, p.1.

As atividades propagandistas dos socialistas italianos, nesse período, contavam com quatro grupos: um central (o Centro Socialista) e três de bairro (Água Branca, Lapa e Brás) além de diversos militantes nos bairros do Bom Retiro e de Barra Funda.¹¹⁹

Os acontecimentos recentes na Rússia estavam presentes destacados nas matérias dos jornais (sobretudo italianos) que chegavam periodicamente a diversos membros de grupos socialistas. Um ano depois, em setembro de 1920, a Itália vivia a ocupação das fábricas, fato que teve obviamente uma influência ainda maior que os ecos da revolução russa entre os militantes ítalo-paulistas. Além do que, a experiência da circulação de idéias e práticas político-sindicais, que o mundo da emigração/imigração italiana tinha proporcionado entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX, assumia agora sentidos ainda mais fortes para os militantes italianos, no exterior; pela primeira vez, um líder sindical e político, que tinha realizado grande parte de sua experiência de militância e liderança entre os imigrantes italianos, na Suíça e nos Estados Unidos, Giacinto Menotti Serrati, tinha se tornado diretor do *Avanti !* da Itália, órgão do PSI (o diário mais difuso da imprensa operária italiana e, em geral, um dos jornais mais lidos) como expressão da corrente majoritária maximalista.¹²⁰

¹¹⁹ Ver seção - Movimento Operário: *O Combate* dos anos 1918 e 1919 e os poucos números ainda existentes de *Avanti !*, 2ª série, de 1919.

¹²⁰ Programa Massimalista del Partito Socialista Italiano. p. 4.

Em São Paulo, nos anos de 1918, durante o período de estado de sítio, um grupo político adotou o nome de Centro Maximalista, por iniciativa de trabalhadores socialistas, italianos, dos bairros do Bom Retiro e da Barra Funda.¹²¹

As intervenções dos trabalhadores italianos, no processo eleitoral estadual e municipal e nos planos para uma naturalização em massa dos imigrantes, desapareceram no período, ficando somente a proposta realizada por Ambrogio Chiodi (assinada por mais de duzentos operários socialistas) de apresentar a candidatura de Edgard Leuenroth a deputado federal, nas eleições de março de 1918.¹²²

As transformações que ocorriam no Partido Socialista Italiano eram acompanhadas em São Paulo:

*Os debates, os conflitos, o surgimento do movimento e do partido fascista, a fundação do Partido Comunista, a tomada do poder por Mussolini. Em abril de 1919, o primo, Enrico Venturi, um mecânico de Rifredi, um subúrbio operário de Florença, escreve-lhe : aqui na Itália há muita carestia, reina muito desemprego, o governo não foi previdente e hoje está impotente. O Bolchevismo está avançando com passos de gigante, encontra consenso mesmo entre os indivíduos menos politizados. Grandes eventos se preparam : nós os esperamos e os saudaremos !*¹²³

O maximalismo pregava a idéia de que o movimento operário deveria ser liderado pelas bases; para alguns, a passagem à experiência comunista foi processo que

¹²¹ ROSADA, Anna. *Serrati nell'emigrazione. 1899-1911*. Roma, Editori Riuniti, 1972.

¹²² Tratava-se de uma candidatura-protesto para permitir a libertação imediata de Leuenroth, caso ele fosse eleito. Os promotores tinham se inspirado explicitamente na candidatura-protesto de Alceste De Ambris, em 1911, que permitiu a sua volta à Itália. Edgard Leuenroth recusou-se a aceitar, alegando a sua ideologia libertária, na carta que escreveu da cadeia pública de São Paulo e que foi publicada por *O Combate* em 26-2-1918 - *A candidatura-protesto. Porque Edgard Leuenroth não a pode aceitar*. Ver Edilene Toledo, *op. cit.*

¹²³ ACSR, CPC, b. 4787, Giuseppe Sgai. Venturi operário mecânico, filiado ao PSI e nascido em 1893.

evidenciou mudança na atuação de muitos socialistas italianos de São Paulo; por outro lado, passados alguns anos, práticas políticas das décadas anteriores voltaram ao cotidiano da atuação de muitos militantes socialistas, sobretudo na relação com as sociedades de socorro mútuo, em particular as italianas. A maioria deles nunca abandonou a militância sindical em seu local de trabalho, embora o papel que desempenhassem nas diretorias até o início dos anos 1920 tivesse diminuído de importância.

Em análise dos processos de expulsão e dos prontuários do DEOPS, no Arquivo do Estado de São Paulo, encontram-se diversas sociedades italianas de socorro mútuo, relevantes sobre esse período da História do Brasil, a *Lega Lombarda*, a *Unione Operaia di Barra Funda*, a União Fraternal da Lapa e Água Branca e a *Società di Mutuo Soccorso del Cambucy*, que atuavam como apoio e proteção de grupos políticos socialistas e comunistas, especialmente no período da formação da Aliança Nacional Libertadora, na década de 1930.

Nos anos 1930, era extremamente ativo em São Paulo o *Circolo Socialista Giacomo Matteotti*, do qual faziam parte muitos dos antigos membros dos grupos socialistas italianos do período de 1900-1920.¹²⁴

No início dos anos vinte, alguns membros do PSI de São Paulo criaram a *Sociedade de Mutuo Socorro do Cambucy*, Ambrogio Chiodi, Nello Colli e Adelmo Giordani, cujos estatutos evidenciavam sua origem socialista e republicana.¹²⁵

¹²⁴ Ver Arquivo do Estado de São Paulo (AESP), DEOPS, Prontuário n° 71.338.

¹²⁵ Ver AESP, DEOPS, Prontuário n° 770 e *Estatutos da Sociedade de Mutuo Socorro do Cambucy. Fundada em 27 de fevereiro de 1922*. São Paulo, Typographia Modelo, 1928

As atividades dos grupos socialistas italianos e suas relações com as associações sindicais e o mutualismo étnico, mesmo sofrendo perseguições a partir da década de 1920, não desapareceram da cena paulista depois de 1918; criaram um projeto de lei a ser definido pela *Confederazione Generale del Lavoro*, pelo *Commissariato Generale dell'Emigrazione* e pela *Società Umanitaria* de Milão, visando ao estímulo da retomada da emigração para o Brasil, com vigilância, para que todo cidadão que emigrasse da Itália tivesse um contrato de trabalho no Brasil e não sofresse as penúrias dos imigrantes que chegaram anteriormente. A fiscalização de tais exigências seria feita pelas autoridades italianas no Brasil e por uma organização conjunta formada por uma seção do *Circolo Socialista* de São Paulo.

Assim, a atuação dos socialistas italianos, ainda que privada da possibilidade eleitoral, concretizou-se em múltiplas atividades, e teve sempre um papel de destaque, que por muito tempo foi desconsiderado.

Depois de mais de trinta anos de atividades dos vários grupos políticos, mutualistas e sindicais em São Paulo, momentos críticos e períodos mais ou menos longos de formação e estruturação das diversas agremiações mostraram que os processos organizativos que envolviam os trabalhadores paulistas e, em particular, a grande maioria, composta por imigrantes italianos, tinham-se desenvolvido mediante estratificações, co-participações, trocas de experiências, dinâmicas e interseções que denotavam toda a complexidade do mundo associativo paulistano e paulista. Dentro dessa complexidade, o espaço que os socialistas italianos ocupou foi de fundamental importância para o constante desenvolvimento dos núcleos associativos dos trabalhadores, no âmbito de uma atuação integral que ia do grupo político ao círculo

recreativo, passando pelas sociedades mutualistas, as ligas sindicais, as cooperativas, no processo infinito de construção de uma sociedade democrática.

BIBLIOGRAFIA:

BIONDI, Luigi. *Entre associações étnicas e de classe. Os processos de organização política e sindical dos trabalhadores italianos na cidade de São Paulo – 1890-1920*, UNICAMP, IFCH, 2002.

CANCELLI, Elizabeth. *De uma sociedade policiada a um Estado policial: o circuito de informações das polícias nos anos 30*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2003.

_____. *O mundo da violência: O estado policial na era Vargas (1930-1945)*. Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em História, Campinas, UNICAMP- 1991.

DAMIANI, Luigi. Damiani, *I paesi nei quali non si deve emigrare. La questione sociale nel Brasile*, Milano, Edizioni di Umanità Nova, 1920

FIDELLI, Ugo Fedeli & DAMIANI, Gigi : *note biografiche. Il suo posto nell'Anarchismo*. Cesena, Antistato, 1954 e BEIGUELMANN, Paula *Os companheiros de São Paulo*. São Paulo, Símbolo, 1977.

LOPREATO, Chistina da Silva. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação - IFCH - UNICAMP, Campinas 1996. p.64.

MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro. 1890-1920*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979 .

MONTGOMERY, David, *The Fall of the House of Labor : The Work Place, the State, and American Labor Activism, 1865-1925*, Cambridge : Cambridge University Press, 1987.

MORAES, Denis . *O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947- 1953)*. Rio de Janeiro:José Olympio, 1994.

PANDOLFI, Dulce. *Camaradas e companheiros:memória e história do PCB*. Rio de Janeiro:Relume Dumará, 1995.

PASCAL, Maria Aparecida. *Portugueses em São Paulo: A face feminina da imigração*. São Paulo, Expressão e Arte, 2005.

RIDOLFI, Maurizio. *II PSI e la nascita Del partito di mass:1892-1922*. Bari, Laterza, 1992.

ROSADA, Anna. *Serrati nell'emigrazione. 1899-1911*. Roma, Editori Riuniti, 1972.

ROMANI, Carlso. *Oreste Ristori: uma aventura anarquista em São Paulo*, Annablume, 2002.

STORCH, Robert D. *O policiamento na cidade vitoriana*. São Paulo, Revista Brasileira de História, vol. 5 No 8/9, abril de 1985.

VECOLI, Rudolph. *Movimento operário e socialista*, XXII n 1-2, gennaio-giugno, 1976.

JORNAIS, REVISTAS E PERIÓDICOS

Avanti !, 2ª série, n 166, 21-10-1919.

Estatuto da Liga Operária da Construção Civil, São Paulo, 1919.

Estatuto da Liga dos Trabalhadores do Bráz e Belenzinho, São Paulo, c. 1917

Estatutos da Sociedade de Mutuo Socorro do Cambucy. Fundada em 27 de fevereiro de 1922. São Paulo, Typographia Modelo, 1928.

O Combate dos anos 1918 e 1919

Programa Massimalista del Partito Socialista Italiano.

PRONTUÁRIOS:

Prontuário n° 770

Continuidades do passado, presentes no futuro: ensaios sobre os imigrantes portugueses na cidade do Rio de Janeiro pela ótica do design gráfico de J. Carlos

Isabel Orestes Silveira

Introdução

No processo civilizatório da América Latina, houve um movimento incessante de contágios, de misturas, de mesclas, de vinculações entre diferentes povos. E no Brasil, especificamente, as primeiras formas de organização social se deram pelo fato de haver crescido aqui uma massa de povos, devido às grandes conexões mestiças (conceito que deve ser entendido aqui, para além do conceito de raça e etnia). Na

constituição da cultura pátria, os portugueses que chegaram já miscigenados, misturaram-se aos mestiços locais. Em outras palavras, os povos ditos colonizadores ampliaram-se no contato com a população indígena local durante os séculos XVI e com os africanos, trazidos como escravos, a partir do século XVII.

Posteriormente, no século XIX até a metade do século XX, com a forte entrada de imigrantes no país, intensifica-se ainda mais o caráter plural da sociedade brasileira.

A configuração cultural do Brasil formou-se “destribalizando os índios, desafricanizando os negros e deseuropeizando os brancos” (RIBEIRO, 1995, p. 179). Ao longo do tempo, o país passou por inúmeras mudanças e fez-se e faz-se ainda, a partir da complexidade e da multiplicidade de características, que são resultado da convivência, num mesmo espaço, de culturas e etnias tão distintas.

Foram muitas as conquistas científicas, as contingências históricas e sociais. Desde o Império, atravessando a Primeira República, a era Vargas, o tempo de Kubitschek, o Regime Militar e, finalmente, entrando na democracia, o país construiu-se olhando para os moldes europeus e americanos na tentativa de ganhar impulso, modernidade e crescimento.

Apesar de seu vasto território, da sua grande população e da realidade social e econômica que envolve inúmeras desigualdades, o Brasil deixou de ser rural e provinciano para transformar-se em nação industrializada.

Diante da amplitude que é discutir as mudanças pelas quais passou o país, tem-se como recorte dessa reflexão, observar a contribuição dos registros gráficos (desenhos) para a historicidade. Especificamente, interessa o cenário carioca a partir da década de 20, período em que o Brasil desejou o modernismo e as revistas da época formavam a opinião pública sobre o que significava ser civilizado e elegante aos moldes franceses. Isso significa que havia, em parte, uma rejeição sobre a presença do imigrante português e seus hábitos e costumes. O que queremos é problematizar a seguinte questão: em que medida os desenhos e mais especificamente, as caricaturas, podem contribuir para uma leitura que possibilite olhar o passado e obter pistas sobre os acontecimentos da História? Há nesses registros gráficos evidências de imigrantes

portugueses e seu comportamento? Em caso positivo, como eram vistos? Quais eram os estereótipos?

Partimos da hipótese de que os desenhos e muitas ilustrações impressas em revistas, se tornam registros e documentos valiosos de um tempo e portanto são portadores de informações que nos permitem compreender o contexto e a cultura de uma determinada época. Nesse artigo, a intenção será pinçar algumas ilustrações que de forma humorada foram construindo a mentalidade do povo brasileiro, ao debochar do que significava ser português.

Interessam vislumbrar as possíveis contaminações, rupturas e continuidades da sociedade brasileira, mas em especial, o modo como a imagem dos imigrantes portugueses foi sendo retratada na cidade do Rio de Janeiro, local em que a imigração portuguesa se deu com intensidade durante o período em que o país desejava ser visto como modernista.

Segundo os apontamentos de Pereira (1981, p. 19), pelo menos 1.055.154 de portugueses entraram no Brasil desde 1820 até 1920. “A capital do Império, recebeu um número significativo de portugueses durante a primeira metade século XIX [...] por isso se tornou a mais portuguesa de todas as cidades brasileiras do Império”.

É sabido que os imigrantes portugueses mantiveram-se na segunda metade do século XIX centralizados na cidade do Rio de Janeiro, devido à ampla oferta de empregos que se tornavam atrativos por causa dos salários que eram pagos na época (superiores aos de Portugal e de outras regiões brasileiras). Houve então, a inserção de empresários portugueses no comércio, na indústria, nos serviços de transporte urbano, na construção civil, nos bancos, etc.

Os imigrantes portugueses e seus descendentes que constantemente chegavam constituíram mão de obra dos mesmos setores e ramos, enquanto outros mantiveram forte participação nos serviços portuários, eram os estivadores, os que tinham serviços de baixa remuneração e se apresentavam no Rio de Janeiro e em Santos. Por isso mesmo, tiveram uma ampla participação nas lutas sociais da época (LOBO, 2001). É esse perfil do português que chegava pobre e se mantinha iletrado na cidade do Rio, que vai ocupar o imaginário do carioca.

Portanto, as considerações que seguem têm o objetivo de refletir sobre a prática do designer gráfico e sua contribuição como documento de processo histórico, isto é, pela estética do desenho, podemos revisitar o passado e lançar luz para o presente.

Essa perspectiva nos remete a visão de Fernand Braudel (1902-1985), historiador francês que insere o conceito de “longa duração” na epistemologia da História do século XX. Tomando-se de empréstimo esse raciocínio, será possível refletir a respeito das caricaturas que sinalizaram o modo de ser do imigrante português no Brasil.

Traduções que marcam e intervêm na cultura

A prática do design gráfico ocupa um lugar significativo na cultura. Está presente no cotidiano em uma grande diversidade de suportes e materiais, que envolvem a mídia impressa, a publicidade, a sinalização e as mensagens sociais em todas as escalas, explorando os variados recursos gráficos.

Nota-se, então, a amplitude de atuação dos designers gráficos, mas também o modo crescente como estes fazem uso dos elementos visuais, que devem ser combinados, a fim de possibilitar uma comunicação específica.

Nesta pesquisa não será possível conhecer as importantes peças de caricaturistas como Raul Pederneiras, Calixto e outros. Por conta do curto espaço, pinça-se algumas produções de J. Carlos, os quais apontam para uma riqueza dinâmica e flutuante. Por meio de seus desenhos, busca-se repensar o design gráfico à luz de um pensamento sistêmico¹²⁶, que valoriza o “contexto” e possibilita a leitura da história na ótica do todo, das interações e das relações entre as partes (a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes).

“Isso quer dizer, que não podemos compreender alguma coisa de autônomo, senão compreendendo aquilo de que ela é dependente” (MORIN, 1999, p. 25). O que estamos alegando é que fica claro que o produto acabado dos designers interfere de

¹²⁶ O pensamento sistêmico pode ser compreendido pelo aporte teórico de Capra (2006), especificamente quando esclarece que foi na ciência do século XX que houve a percepção de que os sistemas não podiam ser entendidos pela análise. “[...] O pensamento sistêmico é “contextual”, é o oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto de um todo mais amplo”. (CAPRA, 2006, p. 41).

diferentes modos no cotidiano das pessoas, podendo ser entendido como um dos textos da cultura.

Por isso, o designer gráfico pode ser considerado como tradutor, o qual pode apropriar-se de uma porção da realidade cultural e traduzir essa realidade em uma linguagem codificada. Desse ponto de vista, é possível dizer que ele opera com a capacidade de produzir informação, criando linguagens plástica, icônica ou mesmo linguística, de tal sorte que os textos culturais fornecem-lhe o fundamento de sua tradução.

As manifestações culturais dão-se num complexo processo de sistema comunicativo e semiótico, que perpassa todas as atividades. Por possuir um caráter sígnico, a cultura pode ser lida como texto, cuja linguagem possui códigos portadores de significado.

Da cultura fazem parte o vestir, os gestos, a arte, as danças, os rituais, a literatura, os mitos, o morar e suas formas individuais e sociais, os hábitos (comer, beber, cumprimentar, relacionar-se), as religiões, sistemas políticos, ideológicos, os jogos e os brinquedos. (BAITELLO JR., 1999, p. 20).

Parafraseando Baitello Jr. (1999), da cultura faz parte também o trabalho do designer gráfico, que pode traduzir a paisagem e materializar a leitura do seu entorno pelo traço, pela forma, pelo volume, pela composição, pela cor, pela textura, pela tipografia e pelos demais elementos da sintaxe visual, em forma de signos visuais, os quais percebem dentro da cultura.

O contexto histórico brasileiro que trataremos aqui, leva em conta os impactos socioculturais do passado, e ainda a busca por uma tradução que se vincula à ideia de permanecer no tempo. No curso do tempo, é possível perceber a relação entre as mudanças (eventos) e as permanências (a longa duração) presentes na cultura.

Singularidades do tempo histórico

Para compreender os projetos dos designers do passado, vale um olhar retrospectivo que entenda os eventos dessa área, que se passaram e estão inseridos na história.

Tradicionalmente, os historiadores percebiam a história a partir da dimensão dos fatos e das dinâmicas mudanças que marcavam os eventos, os quais passavam a ser datados. Reis (2000) coloca em evidência que uma nova concepção de história foi adotada e discutida teoricamente em torno da revista *Annales D'Histoire Économique et Sociale* (1929-1939), fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch.

Surgia nessa época a necessidade de conceber uma história mais abrangente, e as discussões que envolviam temáticas como "acontecimento", "evento", "longa duração", "mudança" e "permanência" destacaram-se e foram alimentadas por Braudel (1972). No pensamento da Escola dos *Annales*¹²⁷, a necessidade de redescobrir-se o homem superava a história contada pela ordem dos fatos e marcada pelos eventos.

Os vários teóricos da Escola dos *Annales* promoveram profundas transformações na ciência da história, especialmente Braudel, que optou por uma compreensão da história menos narrativa, preferindo uma abordagem social que levasse em conta a vida dos homens juntamente com a dimensão global, do todo, ou seja, o homem e todas as suas atividades e criações estão tecidos na realidade complexa que envolve a dimensão do psicológico, do familiar, do econômico, do social, do geográfico, do cultural, do científico e mais tantas áreas que afetam o humano. Reis (2000, p. 18) explica:

Os *Annales* e Braudel em particular constituirão o conceito de "longa duração", que ao mesmo tempo se inspira e se diferencia do conceito de "estrutura social" das ciências sociais [...] A relação diferencial entre passado, presente e futuro enfraquece-se, isto é, a representação sucessiva do tempo histórico é enquadrada por uma representação simultânea. As "mudanças humanas" endurecem-se, desaceleram-se. Tornam-se compatíveis aos movimentos naturais e incorporam qualidades desses [...].

Dessa forma, admite-se uma história cujas concepções não cabem nas explicações de causa e efeito da história tradicional. As estruturas pautam-se pelo

¹²⁷ A revista dos *Annales* foi fundada em 1929 e seus principais representantes da primeira geração foram Marc Bloc e Lucien Febvre. O movimento dos *Annales* ficou conhecido como Escola dos *Annales* e Braudel destacou-se com maior força nos anos 60 como representante da segunda geração. Por fim, da terceira geração (ou Nova História) destacam-se historiadores do Jaz de LeGoff e Duby. A partir dos *Annales*, a História torna-se interdisciplinar, sem fronteiras, ampliando assim as possibilidades nos estudos das humanidades. A História então passa a preocupar-se com questões sociais e com os diversos tempos vividos pelo homem.

tempo de “longa duração”, em que os acontecimentos e as determinações passadas interferem no presente, tornando possível ao historiador perceber os princípios e os comportamentos internos de cada estrutura social, desde que recorra ao passado, pois é o passado que aponta as determinações do presente. É no tempo de longa duração, com o peso do passado, que se ganha força sobre o presente.

É o tempo passado, o tempo da longa duração, que permite as “permanências” e a continuidade dos modos de agir e de pensar, como também as atividades cotidianas: as rotineiras e habituais, que, muitas vezes, são até inconscientes.

Aquilo que não está comumente escrito nos registros históricos, aquilo que é rotineiro e habitual é por ele valorizado:

Inumeráveis gestos herdados, acumulados a esmo, repetidos infinitamente até chegarem a nós, ajudam-nos a viver, aprisionam-nos, decidem por nós ao longo da existência. São incitações, pulsões, modelos, modos ou obrigações de agir que, por vezes, e mais frequentemente do que se supõe, remontam ao mais remoto fundo dos tempos. Muito antigo e sempre vivo, um passado multissecular desemboca no tempo presente como o Amazonas projeta no Atlântico a massa enorme de suas águas agitadas. (BRAUDEL, 1987, p. 9).

Seus pressupostos dizem respeito ao tempo social que constrói o caminhar dos homens, demarcando gerações, criando ritmos que regulam suas vidas, seus trabalhos e suas linguagens.

Portanto, o esforço a ser envidado agora será o de articular alguns desenhos de J. Carlos que dialogaram com a história da cultura carioca, a fim de perceber as formas particulares de seu trabalho, sua linguagem gráfica e como se deu em especial, o ato de tradução de J. Carlos no que se refere ao seu modo de ver os imigrantes portugueses que predominavam a sociedade carioca. O esforço será o de perceber a linguagem gráfica para além do humor que deseja o riso, mas captar a intenção do gesto, que ironiza, que porta um discurso e deseja se fazer permanecer no tempo.

Continuidades do passado, presentes no futuro

Mesmo antes de haver esta nomenclatura – “design gráfico” – nas publicações impressas de J. Carlos, já havia textos, imagem, técnicas variadas de ilustrações, além de diversas tipografias que traduziam a cultura de sua época.

Isso revela que as compilações do material do design gráfico podem ser úteis e propícias à investigação de contextos históricos, da cultura popular, da publicidade e de outras mídias.

Os destaques propostos a seguir englobam o design gráfico como comunicação popular, como mídia que informa, mas sobretudo como marco sinalizador de determinados panoramas culturais.

A meta é fornecer uma base viável à ampla compreensão da história, no compartilhamento do legado de alguns projetos de J. Carlos que marcaram e contaminaram a história.

J. Carlos inicia sua carreira em 1902, na revista *O Tagarela*, dirigida por Raul Pederneiras (1874 - 1953) e Calixto (1877-1957) e em sua carreira se destaca como caricaturista, desenhista, pintor e ilustrador das melhores revistas de sua época: “*O Malho*”, “*Fon Fon*”, “*Careta*”, “*A Cigarra*”, “*Vida Moderna*”, “*Eu Sei Tudo*”, “*Revista da Semana*” e “*O Cruzeiro*”. Em especial pelas personagens que criou, como a Melindrosa, Lamparina e Juquinha (estas duas últimas para a revista infantil “*O Tico Tico*”).

Destaque-se a revista “*Careta*” (1908 a 1960), que apresenta excelente padrão gráfico e editorial. Foi fundada por Jorge Schimidt e, embora seu conteúdo apresentasse um tom de humor, trazia cobertura fotográfica dos costumes sociais e dos acontecimentos políticos do Rio de Janeiro.

Sua primeira edição data de 6 de junho de 1908 e aparece, na capa, uma caricatura do então presidente Afonso Pena, que nasceu em [Santa Bárbara \(Minas Gerais\)](#). Era filho do imigrante Português Domingos José Teixeira Pena e da brasileira Ana Moreira dos Santos e na caricatura de J. Carlos, ele aparece com semblante sisudo, austero.

A caricatura é a representação plástica ou gráfica de uma pessoa, tipo, ação ou ideia interpretada voluntariamente de forma distorcida sob seu aspecto ridículo ou grotesco. É um

desenho que, pelo traço, pela seleção criteriosa de detalhes, acentua ou revela certos aspectos ridículos de uma pessoa ou de um fato. Na maioria das vezes uma característica saliente é apanhada ou exagerada (FONCECA, 1999, p.17).

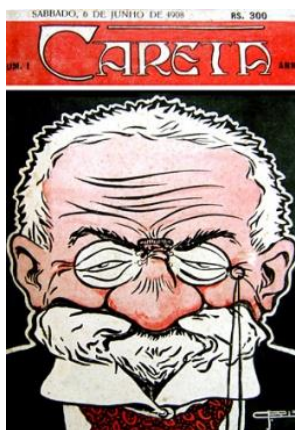


Figura 1 – Primeira edição da Revista *Caretta* com a ilustração de J. Carlos.
Fonte: sítio eletrônico de James Emanuel.

A intenção da caricatura era romper com as proporções e com a harmônica do desenho, isto é, pelo exagero se evidenciava as características de uma pessoa e esses temas e outros variados eram retratados nas revistas culturais da década de 20 no Rio de Janeiro. Por meio do humor visual que tendia a certas temáticas consideradas “impróprias” e pelo deboche, as diversas capas trataram de questões políticas, incitando os leitores a questionar a realidade.

O humor, como arma de crítica social, já se havia visto antes em 1872 quando Eça de Queirós, junto com Ramalho Ortigão, fundava a revista “*Farpas*” e em que se encontravam as caricaturas de D. Pedro II, dentre outros desenhos que criticavam o imperador e as práticas do Império, mas também se estendiam ao povo brasileiro em geral.

No imaginário social, o português passava a ser visto como barrigudo e covarde e sem caráter porque era escravocrata. A caricatura de Eça transforma o brasileiro na caricatura do imigrante português. Essa visão do imigrante proposta por Eça, bem como toda sua vertente cultural, se estendeu pelo meio de vários intelectuais que sinalizavam o desejo de um país moderno.

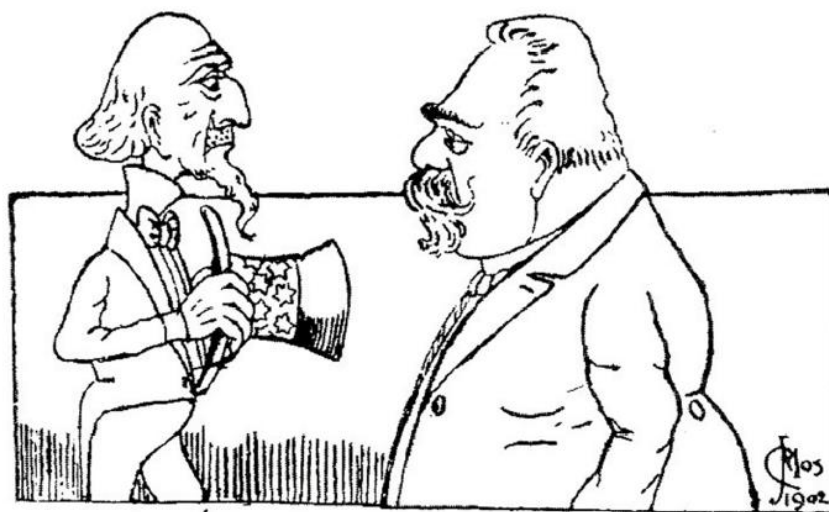
Esse passado, rixoso entre o povo português com os brasileiros alcançam as transformações urbanas na década de 20 e com o ideal de uma cidade em expansão e moderna, a mentalidade que circulava na cidade do Rio de Janeiro, era a negação das características marcantes da forte influência portuguesa que impregnava a cidade.

A imigração portuguesa para o Rio de Janeiro foi constante durante todo o século XIX. No início da República Velha, uma grande proporção da população carioca era de origem portuguesa. Na verdade, os portugueses foram o único grupo imigrante que manteve um movimento migratório espontâneo e contínuo para o Rio de Janeiro não somente durante o século XIX mas também durante boa parte do século XX. (NUNES, 2000, p.177)

Todavia com a tentativa de modernizar a cidade, tentava-se também esquecer a ideia de uma metrópole colonizadora, “Portugal provavelmente acabou corporificando a representação de um passado o qual se desejava esquecer” (VELLOSO,1999).

Vale destacar a ilustração que segue, ainda que tenha sido feita por J. Carlos nos idos de 1902, pois revela a mentalidade que se tinha do Rio de Janeiro, pelo olhar estrangeiro.

INTERESSE CURIOSO



- Oh, moço, senhor me pôde diz quantos são estados de sua paiz?
- São vinte, caro amigo.
- E a capital está em que estado?
- Está em... Nictheroy.
- Oh!... como é que muita gente diz que a capital está em “estado lastimável”?

Figura 1 - Primeira charge de J.Carlos.
Publicada em “*O Tagarela*” de 25 de Agosto de 1902.
Fonte: Loredano, (2002, p.11, *apud* ALENCASTRO, 2013, p. 25)

Então, nas revistas da época e nas que se sucederam havia uma aspiração que propunha a modernidade para a capital e também como alternativa e estilo de vida para os brasileiros. J. Carlos, por meio de sua capacidade de absorver a cultura brasileira e incorporá-la a seu trabalho, tornou-se um ícone do designer, pelos mais de 50.000 desenhos que expressaram sua liberdade criativa, e fez do humor, uma forma de crítica social, política e obviamente tendencioso.

Retratou a vida carioca e, pelo desenho, apresentou o surgimento do telefone, da fotografia, do chope, do samba, do bonde elétrico, do automóvel, do cinema, do rádio, do avião, da cultura do futebol, da praia, da rua, dos cafés, da moda, do carnaval. Enfim, dos hábitos, dos costumes cotidianos das mulheres, dos homens e das crianças e do povo anônimo.

Desenhou as transformações pelas quais passava a cidade do Rio de Janeiro bem como o contexto mais amplo, a saber, o cenário social e político da República Velha, o Estado Novo, as duas Guerras Mundiais, o entre-guerras, a guerra Espanhola e o início da Guerra Fria.

Considerando que a mídia impressa era formadora de opinião, observa-se que J. Carlos reforça o imaginário da cultura como padrões do modernismo que se desejavam para o país. As mulheres, por exemplo, se destacam como sendo elegantes, delicadas, consumidoras, e alvo do desejo masculino. O desenho das “melindrosas” (moças que aboliram o espartilho e rompiam com os padrões de conduta tradicional, ou seja, somente do lar) se tornou o estilo que as mulheres desejavam ou poderiam ser.

Todavia é interessante considerar o que pondera Alencastro (2013, p.66) quando diz: “Através de seu traço irreverente, provavelmente oriundo de sua grande experiência como caricaturista, J. Carlos, muitas vezes, parece apresentar a figura feminina como fútil, inconsequente e até devassa”. A autora prossegue dizendo:

“Talvez esta fosse uma forma de atrelar as questões feministas apenas a um grupo reduzido que não deveria servir de exemplo para a maioria”.

Os questionamentos relativos ao papel da mulher na sociedade e o desejo por direitos iguais, traduz-se no traço de J. Carlos que ora retrata a mulher e seu comportamento e gosto pela moda, através do corte curtinho dos cabelos e seus hábitos que incluem o fumar, o beber, consumir e dirigir carros.

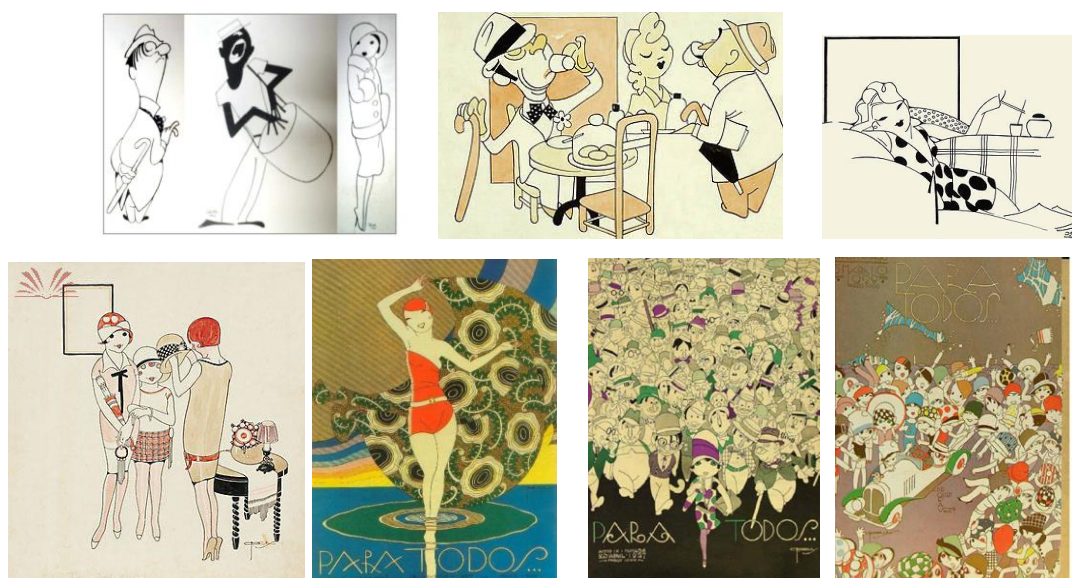


Figura 2 – Cenas cariocas: O samba, Almofadinha em um café e as Melindrosas. Capa de a revista Para Todos, no. 45, 436 e 490. Coleção Eduardo Augusto de Brito e Cunha (filho de J. Carlos), ilustrações da década de 1940. Fonte: sítio eletrônico de Evandro Carneiro.

Os diferentes agentes sociais se encontram nas ruas e é nesse espaço público, ou seja, dentro do bonde, a caminho para o trabalho, que J. Carlos tirava inspirações para seus desenhos, pois ali observava as pessoas e percebia suas disputas pelo sentido de pertencimento e identidade.

J.Carlos [...] cansou-se de dizer que o seu laboratório era o bonde. Dentro eram as últimas gírias e modas, os bons e os maus humores, olhares, taras, recatos e procedimentos menos honestos. Fora era a cidade, a água e o verde, o horizonte e o gnaisse dos morros, o andar tão seu dessa gente tão à vontade, tão dona da terra. (LOREDANO, 2002, p.22)

Apesar de a elite carioca querer repetir o comportamento da elite parisiense, que corporificava a ideia de modernidade através da literatura, da pintura, da arquitetura Art-nouveau, a cidade do Rio de Janeiro se mantinha como uma realidade híbrida, pois captava a efervescência da sua mistura cultural. Inspirava-se em Paris em seus cafés, cabarés e ateliês, na literatura, pintura, construções Art-nouveau, moda na conhecida fase da Belle Époque.

O imigrante português, sendo um dos atores importantes nesse contexto, se insere na busca por uma modernidade carioca, mas eram retratados de forma estereotipadas, típicos da visão que se tinham deles na época.

Havia o antilusitano e a postura positiva dos que eram a favor do luso-brasilianismo. A imagem dos que se opunham aos portugueses reforçava os estereótipos das características relativas a moral e a aparência física dos imigrantes (estatura baixa, sobrepeso e corpulento, bigodes grandes e calvície acentuada), as quais eram ridicularizadas. O imigrante português carrancudo e grosseiro no trato era de igual modo enfatizado, além de ser um homem mulherengo com preferência pelas mulatas. Essa evidência aparece no dizer de um antigo adágio: “Atrás de uma bola sempre há um garoto, atrás de uma mulata, sempre um português”, ou aquele que diz: “em armazém de português, mulata sempre tem vez”.

É interessante notar que o estereótipo de imigrante que se engraça pelas mulatas surge na literatura. Aluísio de Azevedo, por exemplo, em 1890, escreve “*O cortiço*” e apresenta a história de um imigrante português, João Romão, dono de um cortiço que se apaixona por uma mulata. Um morador do cortiço, Jerônimo, também imigrante português, troca a ingênua e fiel esposa Piedade pela mulata Rita Baiana, símbolo da mulher desejada no imaginário da cultura do imigrante.



Figura 3 – O malandro carioca. Coleção Eduardo Augusto de Brito e Cunha (filho de J. Carlos), ilustrações da década de 1940. Fonte: sítio eletrônico de Evandro Carneiro.

Muitas figuras foram imortalizadas nos desenhos de J. Carlos e até o malandro (sujeito marginalizado, geralmente negro) “personagem cuja marca é saber inverter todas as desvantagens em vantagens” (Da Matta, 1983: 212).

Uma das cenas urbanas que J. Carlos inúmeras vezes desenhou, foi a festa introduzida no Brasil, pelos portugueses, a saber, o Entrudo. Eram as festas populares que por conta do desejo de modernidade, foi se modificando para a conhecida festa do carnaval. Adalberto Mattos escreve em 1927 na revista “*O Malho*”, nº 1274 de 12 de Fevereiro (p. 27), sua impressão sobre a mudança que o carnaval sofreu descaracterizando-se de sua espontaneidade inicial, trazida pelos imigrantes.

O Carnaval de hoje é o curso monótono, com decorações de mau gosto, só permitido aos ricos. Outr’ora quem se divertia realmente era o povo, o entrudo era o “pivot” dos divertimentos, não custava nada e era bem mais engraçado que os de ether e outras drogas nocivas aos olhos e a pelle. O entrudo tinha um encanto especial, tinha o “limão de cheiro” e as seringadas irreverentes nos colarinhos duros, nas cartolas pelludas e babados engomados...

Pierrô, Colombina e Arlequim sempre ganhavam destaque em sua produção no período carnavalesco. No entanto, o requinte para essa festa popular, estava no excesso de ornamentos e fantasias da elite que contrastava com o modo como brincavam o carnaval, as pessoas comuns e mais simples.



Figura 4 - Charge em "Careta", 1935. Fonte: LIMA (1963, V.2, p. 52, apud, Apud, Alencastro, 2013, p. 122)

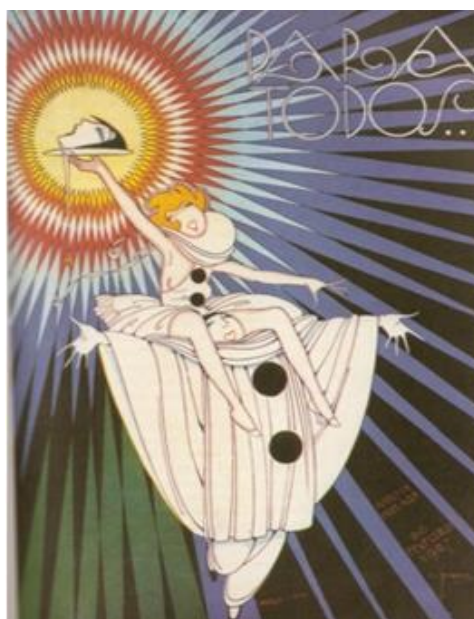


Figura 5 – Capa da revista “Para Todos” - Carnaval de 1927
Assumpção (2011, p.12)

A preocupação da elite carioca com modernização urbana, acolhia a ideia da busca por uma identidade nacional, por isso, o centro do Rio, nos idos de 1900 não coincidia com esses ideais. As casas coloniais, os cortiços, as estalagens e hospedarias e os lugares adaptados em que se amontoavam pessoas e imigrantes foram retirados pelo prefeito Pereira Passos com o apoio do sanitarista Oswaldo Cruz, já que a desordem e a aglomeração, significava preocupação para o poder público.

Os jornais e as revistas semanais que circulavam na cidade, tais como “*FonFon*”, “*Careta*”, “*O Malho*” dentre outras, expunham matérias sobre a ação do poder público, a vida privada dos habitantes do Rio de Janeiro, mas principalmente no contexto de busca por um modernismo, revelava uma das funções das revistas que era ironizar aquilo que se queria negar: nesse caso, todo o atraso do país e da cidade, por conta dos imigrantes portugueses.

Os ilustradores geralmente representavam o português como modelo negativo e assim comenta Triches (2007, p.17):

Nas caricaturas o português é presença certa, sendo sempre representado através dos seus conhecidos estereótipos. Assim, ele está sempre atrás do balcão de um armazém ou de uma loja de secos e molhados, com sua camiseta branca, seu vasto bigode em forma de arame e seus indefectíveis tamancos. Fala errado, trocando o *v* pelo *b*; é rude, grita com os empregados, explora os pobres caixeiros, maltrata a mulher, que na maioria das vezes é uma mulata brasileira. É acusado de errar nas contas dos fregueses, dar troco a menos, adulterar os alimentos, como podemos ver na caricatura abaixo. Cultiva com carinho a “pança” conquistada ao longo dos anos, assim como os cobres conseguidos com muito suor e às vezes com pouca honestidade.

A autora destaca que nas figuras que seguem, é possível perceber indícios dessas características estereotipadas do povo português.



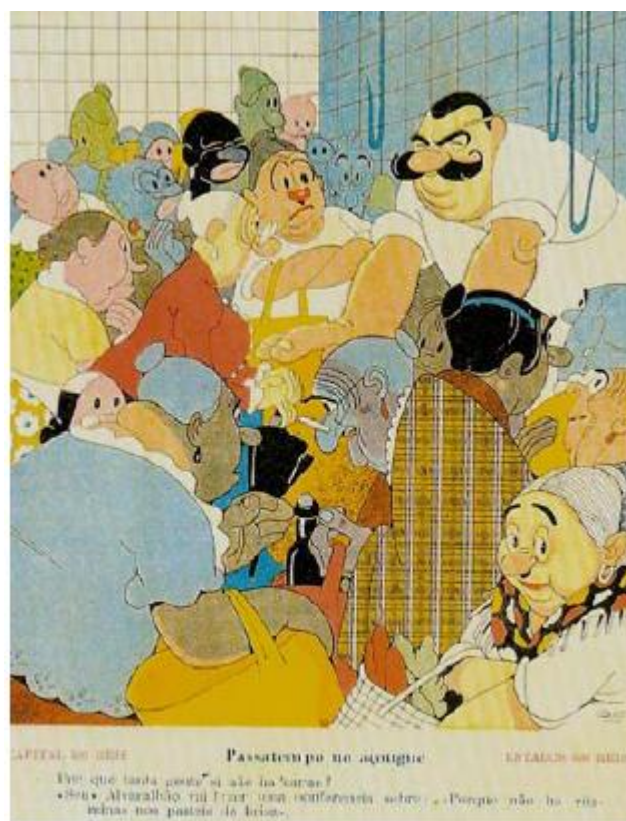
J. Carlos. *Careta*. 16 de setembro de 1944, ano XXXVII, nº 1890.

Legenda: "Honra ao merito!"

- Não, senhor. É uma homenagem a "seu" Alvaralhães: um pequeno engano no caderno da senhora Humurata...

- E isso não é tão comum?

- Sim, senhor, mas desta "bez" foi contra ele.



J. Carlos. *Careta*. 24 de outubro de 1942, ano XXXV, nº 1791.

Legenda: "Passatempo no açougue"

- Por que tanta gente se não ha carne?

- Seu Alvaralhão vai fazer uma conferencia sobre: "Porque não ha vitaminas nos pasteis de brisa".

Figura 6 e 7– Fonte: Triches (2007, p.18)

É interessante notar que o trabalho do imigrante aparece nessas ilustrações associado a figura masculina. Ainda sobre o trabalho do imigrante vale destacar

[...] Quando a Fortuna chegava, ela vinha através do trabalho diuturno e da poupança feita nos tempos de caixeiro ou, em raras ocasiões, pelo controle do negócio deixado pelo patrão que retornara à terrinha. O meio de enriquecimento era sempre o do comércio estabelecido, nunca o da estiva ou dos biscates de rua. Na verdade, era mais fácil remeter as economias para a família que ficara em Portugal, onde o câmbio extremamente favorável e os salários mais baixos faziam pequenas economias se multiplicarem miraculosamente, do que efetivamente melhorar de vida no Brasil. (OLIVEIRA, 2009, p. 163)

Muito ainda há que se analisar sobre as charges, cartuns e caricaturas produzidas por J. Carlos. No entanto, foi possível nesse ensaio delimitar parte das percepções do ilustrador sobre sua visão de mundo. Apontou-se para o pensamento que cercava a cultura da época quanto as querelas entre o imigrante português e o carioca na cidade do Rio de Janeiro. Obviamente, as durações sobre esse tempo passado se prolongam no presente especialmente nos registros ou piadas e anedotas que visam retirar a importância de Portugal no processo de construção da história nacional.

Dessa maneira, as pequenas abordagens feitas aqui podem ser aprofundadas em estudos futuros, na tentativa de entender a organização social e histórica do período e o modo como as produções gráficas se tornam elementos úteis para observarmos o passado e seus diferentes discursos.

Considerações finais

Esses exemplos citados, que fizeram uso da força dos traços de J. Carlos, remetem de novo ao pensamento de Braudel, que não escreveu sobre design gráfico necessariamente, mas o fato de ter ele incluído edifícios, mobiliário, interiores, vestimenta, comida, tecnologia, dinheiro e urbanismo no seu estudo do capitalismo continua a servir de exemplo sobre como a cultura material pode ser assaz incorporada na compreensão dos trabalhos dos designers, dentro de um contexto histórico e sociocultural.

Braudel sondava as permanências e as repetições da história em proveito das estruturas de longa duração. Uma história que não era feita por antecipação, ao contrário surgia da materialidade do passado.

Sob a perspectiva da longa duração, Braudel não via as maneiras de agir e de pensar dos indivíduos como obras isoladas, mas estas surgiam das manifestações coletivas que os ultrapassam e davam-se em processo de continuidade, a ponto de transcenderem o tempo.

Pode-se considerar que a importância da produção de J. Carlos e, conseqüentemente, de um modo mais alargado, a dos designers gráficos não estão

somente adstritas ao ponto de vista da produção pessoal e individual, mas porque avançam pelo vasto mundo social e cultural, que produzem as circunstâncias determinantes, dentro das quais os designers trabalham, dando-lhes as condições para a continuação de sua prática.

As traduções criativas servem, por vezes, de testemunho triunfante ou modesto, íntegro ou mutilado da tentativa humana de permanecer no tempo, estabelecendo relações ou conexões com o grande contexto em que a vida acontece.

Essas temáticas são persistentemente suportadas por se ancorarem na perspectiva do tempo, o qual revela as mudanças, mas também a permanência social. Esta, a seu turno, manifesta a resistência dos hábitos, dos valores e dos movimentos repetitivos que ultrapassam o individual e o evento, sem, necessariamente, negá-los, pois os insere no bojo de uma realidade mais complexa.

É com esse olhar que se visualiza o tempo longo, que permite a percepção e a identificação das continuidades e das descontinuidades do design gráfico. Revela a criação como processo de um resultado não linear, não determinista, e que continuamente movimenta a história.

Referências bibliográficas

- ASSUMPCÃO, Gustavo Pereira. A Representação da Vida Carioca no Início do Século XX nos Desenhos de J. Carlos. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Londrina – PR - 26 a 28 de maio de 2011.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. *O Animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia*. 2ª. ed. São Paulo: Annablume, 1999.
- BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do Capitalismo*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- _____. *História e Ciências Sociais*. Trad. Carlos Braga e Inácia Canelas. Lisboa, Editorial Presença, 1972.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Trad. Newton Roberval Eicheimberg. São Paulo: Cutrix, 2006.
- Da MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FONSECA, Joaquim da. *Caricatura: A imagem gráfica do humor*. Porto Alegre. Artes e ofícios: 1999.
- LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Migração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 2001.

- LOREDANO, Cassio. *O bonde e a linha: um perfil de J.Carlos*. São Paulo: Capivara, 2002.
- MORIN, Edgar. *Por uma reforma do pensamento*. In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. (orgs). *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- PEREIRA, Miriam Halperna. *A Política Portuguesa de Emigração, 1850-1930*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1981.
- REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**: a inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- VELOSO, Monica. Lembrar e esquecer: a memória de Portugal na cultura modernista brasileira. In: Revista Semeiar, n. 5. Revista da Cátedra Padre António Vieira de Estudos Portugueses, PUC/RJ. Rio de Janeiro, 1999.
- Referências de sites**
- ALENCASTRO, Lucilia de Sá. Universidade Tuiuti do Paraná. Mestrado em comunicação e linguagens Revista “*Para Todos...*” Um estudo da imagem da mulher Nas ilustrações de J.carlos. Curitiba, 2013. Disponível em: http://tede.utp.br/tde_arquivos/2/TDE-2013-11-08T123925Z-434/Publico/REVISTA%20PARA%20TODOS.pdf Acesso em: 10/02/2015
- Sítio eletrônico James Emanuel.**
Primeira edição da Revista “Caretta” com a ilustração de J. Carlos. Disponível em jamesmanuel.blogspot.com/2007_10_01_archive.html. Acesso em: 18/11/09.

Sítio eletrônico Evandro Carneiro

Cenas cariocas: O samba, Almofadinha em um café e as Melindrosas. Capa de a revista Para Todos, no. 45, 436 e 490. Coleção Eduardo Augusto de Brito e Cunha (filho de J. Carlos), ilustrações da década de 1940.

Sítio eletrônico Evandro Carneiro

O malandro carioca. Coleção Eduardo Augusto de Brito e Cunha (filho de J. Carlos), ilustrações da década de 1940.

Disponível em:

<http://www.evandrocarneiroleiloes.com/109485?artistId=88158/> Acesso em: 09/09/2009.

NUNES, Rosana Barbosa. *Imigração portuguesa para o rio de janeiro na primeira metade do século XIX*. História, Ensino. Londrina, v. 6, p. 163-177, OUt. 2000.

Disponível em:

<file:///E:/2015/Artigo%20para%20Rosana%20Mackpesquisa/12397-48472-1-PB.pdf>
Acesso em: 04/02/2015

OLIVEIRA, Carla Mary S. O Rio de Janeiro da Primeira República e a imigração portuguesa: panorama histórico. Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro. n.3, 2009, p.149-168

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TRICHES, Robertha Pedroso. *Identidades Contrastivas*: a Inserção do Português na Primeira República. Graduada de História, bolsista de iniciação científica – UFF/FCRB - *História, imagem e narrativas*. No 5, ano 3, setembro/2007 – ISSN 1808-9895 – Disponível em: <http://www.historiaimagem.com.br>. Acesso em: 06/02/2015.

CONSIDERAÇÕES: